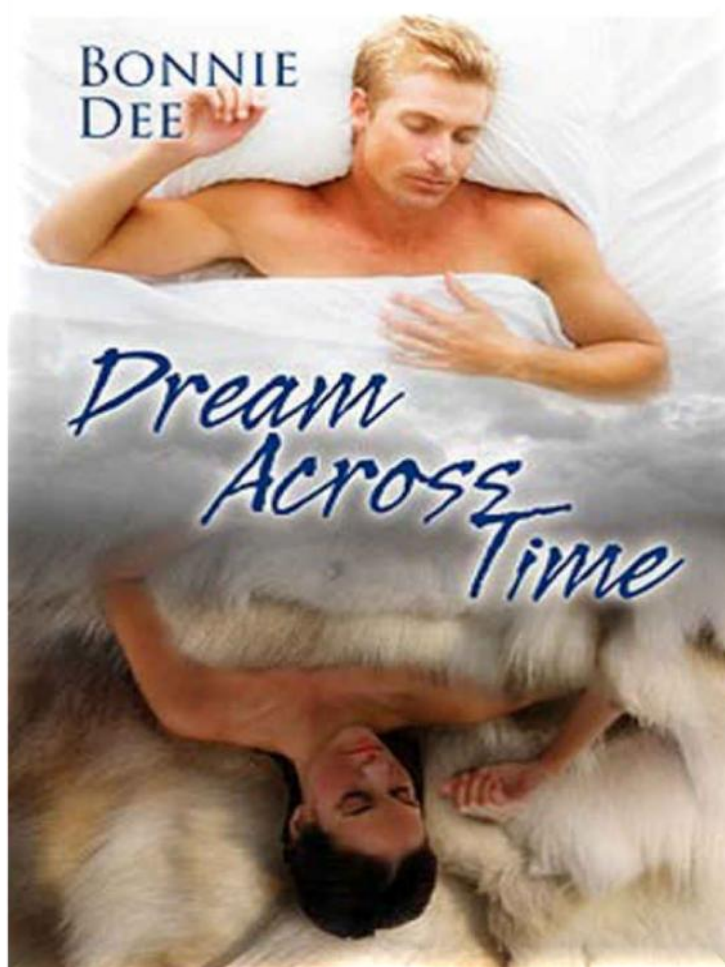




Sonho Através do Tempo

Por Bonnie Dee





Traduzido do inglês
Pesquisa e Disponibilização: **Mell**
Revisão Inicial: **Ana Paula**
Revisão Final e Formatação: **Thaís G.**
Análise Final: **Paulinha**

Dream Across Time

(Sonho Através de Tempo)

Bonnie Dee

Sinopse:

Advogado de Nova York, Connor Baines, e uma mulher curandeira nativa americana chamada Aiyana tem um encontro todas as noites. Inicialmente apenas vagas lembranças eróticas, mas seus encontros crescem cada vez mais intensos e reais. Eles se comunicam durante a noite e compartilham uma ligação que transcende o tempo. Mas é forte o suficiente para reuni-los no mundo físico? E quem será forçado a desistir de tudo o que é familiar a participar de um amante dos sonhos em um mundo exterior?

Publicado por Liquid Silver 2009

Capítulo Um

A mão morna e pesada do homem deslizou em cima da coluna de Aiyana, deslizando acima de suas costas e indo descansar na nuca de seu pescoço. A mão massageou seus músculos ligeiramente, o dedo polegar cego entrincheirando-se e dissipando a tensão.

Aiyana estirou e sorriu luxuriante em baixo de seu toque. Ela afastou para trás até que sentiu o calor de seu tórax, sua virilha, suas pernas que se apertam contra ela. O calor e o peso de sua ereção aconchegada na ranhura de suas nádegas. Ela esfregou sua parte inferior contra seu comprimento.

—Senti sua falta. —*Ela não falou. O homem podia ouvir seus pensamentos como ela ouvia os dele, dentro de sua mente.* — Você está atrasado hoje à noite.

—Eu senti sua falta também. —*Ele aninhou seu ombro com os lábios dele. Ela tombou a cabeça para o lado assim ele podia beijar o comprimento de seu pescoço. Fechando os olhos, ela se apertou na parede dura de carne atrás dela. Ela empurrou seus seios para cima de encontro à mão que vaga acima de seu tórax.*

Ele apertou um montículo suave e o outro, rolando seus mamilos endurecidos entre seus dedos. A carícia fez seu sexo pulsar e umedeceu seus lábios.

Ela gemeu e se remexeu, erguendo-se ao seu toque.

—Eu penso em você o tempo todo agora. —*Sua voz em sua cabeça era tão morna e rica quanto mel.* —Está ficando mais difícil ficar acordado durante os dias, quando tudo que eu quero é dormir e sonhar com você.

Ele moveu-se contra ela, seu pênis pesado escorregou sensualmente entre as bochechas de seu traseiro. O ânus dela pulsou de excitação e sua vagina, então se abriu como um a boca faminta desesperada para ser cheia. Sua mão deslizou do seio dela por sua barriga e para sua abertura. Arreliando seu dedo entre suas dobras, ele provou sua umidade. Ela empurra-se sobre seus dedos buscadores.

—Eu quero você dentro de mim agora.

—Tão rápido? Eu nem beijei você ainda. —*Ele riu contra seu ombro.*

—Sim, agora. Antes de eu ter que...

—Acorde Aiyana! Eu chamei você três vezes já.

A voz nasal era tão severa e mal recebida quanto a luz solar que de repente brilhado em seu rosto. Ela gemeu e rolou para seu lado, longe da luz e da voz que se intrometeu em seu sonho bonito.

Uma mão dura cutucou seu ombro nu —não a mão sedutora de quem ela sonhava, mas uma mão gelada, grossa, enrugada.

—Acorde, menina. Existe trabalho para ser feito.

—Sim. Eu já ouvi você. Eu estou me levantando.

—O que se passa com você? Você nunca dormiu tanto antes. Eu porei mel em seu cereal esta manhã, e você deve começar a comer canela para fortalecer seu sangue fraco.

—Mm-hm. —Com olhos abertos Aiyana olhou fixamente para a parede de material áspero na frente dela, antes de virar sobre suas costas para olhar para Hausis.

A mulher velha permanecida com as mãos nos quadris, ela estava com os olhos pretos estreitados.

—Você estava sonhando ... gemendo.

A névoa sonolenta evaporou e Aiyana se sentou na cama depressa. Será que ela gemia dormindo? Hausis sabia que seus sonhos eram sobre uma visita noturna? Suas bochechas queimaram e ela depressa tampou seu rosto com seu cabelo longo e preto se protegendo. O quão humilhante era sua professora ter ouvido sua resposta aos seus sonhos sexuais intensos. Ela tem experimentando eles já há várias semanas, e eles pareciam ser crescentemente mais intensos e mais reais cada noite.

Se Hausis desconfiava do conteúdos de seus sonhos, ela não deu nenhum sinal disto.

—Um pouco de limão irá espantar a preguiça de sua soneca noturna. —ela aconselhou.

—Eu tentarei isso antes de dormir hoje à noite. —Aiyana empurrou a cobertura de pele de veado pesada de suas pernas e saiu de sua cama. Sua pele nua estava molhada com suor. Fios de cabelo grudados em seu rosto úmido. Ela empurrou eles de volta e pegou seu vestido, de pele de cervo e passou-o por cima de sua cabeça e empurrando seus braços pelas mangas.

Hausis lhe deu uma tigela de cereal de milho com uma espessa de melado nela.

—Coma, nós caminharemos pelo bosque ao longe à oeste hoje para juntar absinto para tosse do Yarrow. E nós precisamos de algumas ervas e absinto para fazer uma infusão para o nascimento do bebê de Majasi.

Aiyana foi para o lado de fora para se aliviar antes de começar seu aprendizado. Ela pensou em seu amante noturno enquanto ela caminhava pelo bosque até as samambaias altas.

Ela sentiu o toque das folhas e se lembrou das caricias das mãos do seu amante noturno em sua pele nua. Ela imaginou e sua pele se arrepiou. Seu toque poderosamente estava despertando.

A deixou excitada e a levou grandes cumes então a mandaram a vales profundos.

Seus sonhos eram tão vívidos que eles deviam algum significado. Talvez o homem representasse o marido que ela teria ainda que encontrar. Nesse caso, ele devia ser alguém de outra tribo porque ele certamente não se parecia como ninguém que ela tivesse visto.

Quando ela terminou, ela retornou da quietude verde da floresta para o alvoroço da aldeia. A maioria das pessoas estavam acordadas a muito tempo e realizavam ativamente suas tarefas diárias. O barulho das crianças e o latido dos cachorros alegravam o acampamento. As mulheres mais jovens cuidavam da casa, das crianças ou trabalhavam em seus jardins. As mulheres mais velhas costuravam sentadas, cantando e fofocando enquanto homens velhos da tribo tocados jogavam, faziam lista de feitos de sua mocidade e ofereciam conselhos não desejados para qualquer um que estivesse ao seu alcance.

A maioria de homens estavam fora pescando agora que o gelo derretia nos rio, alguns consertavam seus barcos ou ajudavam Yannassi a construir o novo abrigo.

Aiyana acenou para sua amiga Majasi, inchada com sua gravidez que gingava pela aldeia para seu chalé com um balde de água.

Imaginou como seria ser esposa, mãe e poder acender o fogo de seu próprio chalé. Ela pensava nisso às vezes quando estava estudando as artes curativas com Hausis, mas pelo menos isso seria útil.

Aiyana estava orgulhosa de estar aprendendo algo útil que a possibilitaria ajudar as pessoas. Existiria tempo para um marido mais tarde... talvez até o homem em seus sonhos.

Dentro da cabana, ela fechou a porta com um baque atrás dela, retornando para seu quarto escuro. Enquanto ela comia seu mingau de aveia, seus pensamentos inexoravelmente retornavam a seus encontros noturnos. Ela nunca tinha experimentado visões tão fortes quanto estas. Às vezes ela despertava banhada em suor com suas mãos entre as pernas. Ela tinha que trancar os lábios juntos para suprimir seus gemidos quando ela atingia seu ponto culminante. Agora mesmo, pensando no homem estranho que a tocava em todos os lugares certos à deixava a ponto de gozar.

No começo ele havia sido uma figura distante, obscura, mas seu amante dos sonhos estava se tornando cada vez mais real a cada nova experiência. E o que começou como luxúria pura estava evoluindo para algo mais profundo. A conexão mental entre eles eram tão profundos desde que eles começaram a trocar idéias e emoções sem a necessidade de falar. Aiyana frequentemente pensava quanto mais fácil seria a vida das pessoas se elas não fossem tão limitados pelas palavras que muitas vezes expressam de forma errada o que um quer dizer ao outro.

A duração dos sonhos variava. Às vezes só alguns momentos preciosos como da última noite, outras noites o tempos de prazer era maior, e superior em intensidade até Aiyana se sentir exposta e vulnerável. Quando ela despertava o resultado físico de estar com seu amante se prolongava. Os músculos de suas coxas tremiam e seu sexo ficava excitado. E ela não sabia se isto realmente era resultado do trabalho de sua própria mão ou de outra coisa que acontecia com seu corpo à medida em que ela dormia?

Sua colher escorregou pela parte inferior de sua tigela. Aiyana olhou abaixo, e se surpreendeu por ver a tigela vazia, pois nem saboreou sua comida. Com um suspiro, ela deixou seus devaneios para noite, lavou sua tigela e colocou no lugar de sempre, pegou sua bolsa de trabalho que estava pendurada na parede.

—Eu estou pronta, Hausis.

—Já não era sem tempo. —Guardando as polainas que ela tinha consertado, ela pegou sua bengala e sua sacola. Ela saiu na frente, movendo-se vivamente para uma mulher velha.

Aiyana apertou o passo para acompanhar ela quando passaram pelas estacadas que cercando a aldeia separando-a da floresta.

* * * *

— *Eu quero você dentro de mim agora.* —ela implorou.

— *Mas tão rápido? Eu nem beijei você ainda.*

— *Sim, agora. Antes de eu ter que...*

—Nunca vou deixar você ir. Eu quero segurar você em meus braços para sempre.

Connor de repente acordou ao ouvir o barulho ensurdecedor do despertador. Ele o alcançou e bateu no alarme do rádio relógio, retornando o quarto ao silêncio santificado.

—Droga! —Ele rolou sobre suas costas e ficou olhando fixamente para o teto com os olhos enevoados. Suas bolas doíam com a dura ereção daquela manhã que se elevava acima de sua virilha. Seu tórax estava liso de suor e sua boca estava quente pelo sabor daquela pele, da pele da mulher do seu sonho. Ele passou sua língua pelos lábios e perguntou-se como era possível um sonho erótico podia ser tão real.

Ele passou sua mão pelos cachos úmidos de seu cabelo que se agarravam em sua fronte, e seu um suspiro. Que diabo estes sonhos queriam dizer? Talvez ele devia começar ver sua terapeuta novamente e conversar com ela sobre estes sonhos.

Eles não eram sonhos como aqueles que teve depois que Helen morreu. Aqueles tinham sido pesadelos sobre o acidente misturado com eventos fortuitos que era provavelmente profundamente significativos mas que não faziam nenhum sentido para ele. Os pesadelos lentamente enfraqueceram com o tempo. Mas os sonhos que ele começou a experimentar algumas semanas atrás foram crescendo e começaram a se tornar mais real a cada noite e eles o deixavam dolorosamente desperto.

Connor colocou a mão em baixo do lençol para dar ele mesmo algum alívio. Ele segurou seu pênis em punho, e quando ele o movia sua mente viajava para a mulher dos seus sonhos. A última noite eles foram interrompidos antes de começarem, mas em outras noites ele tinha conseguido atingir o orgasmo.

Quando os primeiros sonhos vieram, eles tinham sido principalmente impulsos erótico com uma sugestão com uma forma nebulosa, mas com o passar do tempo os sonhos e a mulher ficaram mais definidos. Ela tinha o cabelo longo e preto, a pele marrom com sabor de sal e especiarias, um rosto angular com as maçãs do rosto proeminentes e os olhos pretos enormes que olhavam para Connor enquanto ele se empurrava para dentro dela. Seu corpo era sólido e firme nos sonhos agora, seus braços e pernas fortes enquanto elas os embrulhava ao redor dele. Seus seios eram grandes e pesados, com com mamilos suculentos. Sua boca era morna e flexível em baixo da sua quando ele a beijava, e era o puro céu quando a boca quente dela envolvia seu pênis.

Imagens eróticas vagavam por sua mente. Em alguns momentos breves, e com uma vigorosa excitação, um jorro morno estourou e se derramou acima de seu punho. Ele gemeu de alívio. Maldição, mas ele desejou que o sonho com a mulher fosse real! Fazia muito tempo desde que uma outra mão além da sua própria tinha tocado em seu pênis. Depois da morte da Helen, seu libido tinha sido inexistente.

Ele apenas respirava ou caminhava seguindo os movimentos de todo dia, mas ainda conservava essa ereção. Talvez agora estivesse na hora de aceitar aquele encontro às cegas que seu amigo Wes queria organizar para ele com a antiga amiga de quarto de sua esposa. Connor suspirou, livrou-se das coberturas e decidiu começar seu dia: primeiramente iria ao banheiro, depois praticaria um pouco de musculação para manter a forma já que passava muitas horas atrás de sua escrivaninha sendo advogado, e tomaria café da manhã.

Ele comeu, enquanto estudava a papelada do caso de Alexander. Era caso simples, o testamento não estava sendo contestado por nenhum dos descendentes. Ele gostava quando as pessoas agiam como adultos em lugar de brigarem como crianças depois da morte dos seus pais. Muito frequentemente ele testemunhava a briga em família e isso muitas o fazia se questionar sobre sua fé em humanidade. Antes de sair de casa para o escritório ele pensou que hoje seria um dia fácil no tribunal.

Talvez ele conseguisse a tarde de folga e então iria jogar uma partida de golfe. Seria bom para ele ficar ao ar livre e respirar ar puro em vez do oxigênio reciclado de seu escritório.

De sua janela no décimo no andar ele tinha uma grande visão do rio de Hudson, com a janela aberta ele conseguia até sentir uma brisa. Isso nunca lhe chamou atenção antes. Quando ele estava trabalhando, sua atenção ficava totalmente enfocada. Ele raramente olhava para rio de sua janela ou a expansão larga de céu e nuvens. Mas ultimamente ele se sentia preso em seu escritório. Ele queria quebrar a janela de vidro de segurança e voar para longe através do rio.

Definitivamente golfe lhe faria bem hoje, e depois ele daria um telefonema a Wes para marcar uma data para aquele encontro às cegas. Antes de sair de casa, Connor correu um dedo sobre a moldura dourada da fotografia de Helen, que estava na mesa no corredor da frente. Era habitual, tocar a fotografia antes dele sair de casa. Talvez estivesse na hora de colocar o porta retrato em outro lugar. Já se passaram dois anos desde o acidente na viagem de carro para Tennessee. Talvez ele estivesse um pouco mórbido ainda por ter perdido Helen, a mesa se assemelhava para ele com um santuário, a primeira coisa que se via quando se entrava no foyer.

Ele pensaria em um novo lugar para aquele porta retrato. Connor saiu para o ar da manhã e trancou a porta atrás dele.

Capítulo Dois

Aiyana pegou uma pequena bolsa azul com erva de chá para dar a sua amiga Majesi, que estava só estava a algumas semanas de seu parto. O chá ajudaria acelerar o nascimento do bebê quando contrações finalmente chegarem. Majesi aceitou a xícara morna de chá e provando-o, franziu o rosto.

—Oh, isto é ruim.

—Você estará agradecida mais tarde. —Aiyana assegurou a ela. Ela se sentou de pernas cruzadas no chão e bateu um dedo nervoso contra seu joelho.

—O que você tem? Algo tem estado aborrecendo você ultimamente. —Majesi segurou a xícara em suas mãos, aquecendo assim elas.

Aiyana agitou sua cabeça.

—Nada, só tenho tido um sonho.

—Conte ele pra mim. —Majesi se debruçou para frente, com sua grande barriga que se sobressaía na frente dela. —Minha avó interpretava sonhos. E ela me ensinou um pouco.

—Eu o tive mais de uma vez. Não acontecia exatamente a mesma coisa, mas a situação era a mesma, e ele sempre é muito vívido. —Aiyana corou. Ela não podia dizer a sua amiga o conteúdo sexual de seus sonhos. —Eu posso perguntar a você algo?

—Claro.

—Você é uma mulher casada. Quando você está com Askuwhetu, o que ele faz com você... O que isso faz ... Eu quero dizer, você gosta ?

Majesi sorriu.

—Oh! *Aqueles* tipo de sonhos. —Ela pousou sua xícara e se esticou para trás fazendo sua barriga se sobressair. —Às vezes é muito bom e eu até gosto. Outros vezes eu não gosto tanto então eu digo a Asku que eu estou com dor de mulher. Ele é muito bobo, ele não sabe que essas dores só vêm com ciclo mensal da mulher. Agora mesmo, nós não temos nos juntado por causa disto. —Majesi indicou seu estômago expandido. —Mas, sim, às vezes eu gosto muito disto.

Aiyana movimentou a cabeça, enrolando a franja de seu vestido ao redor seu dedo.

—Não se preocupe, amiga, seu tempo virá. Existirá um homem especial para uma curandeira como você. —Majesi tomou outro gole de seu chá quente e fez mais uma careta. —Eu espero este sacrifício todo me ajude como você diz.

—Oh sim, com esse chá vai o parto ser mais fácil.

* * * *

Quando Aiyana voltou para sua casa de noite, ela pensou que o passeio longo pelo bosque a faria dormir tão pesado que ela não teria o sonho erótico. Uma punhalada de decepção a perfurou só em pensar na chance de ela que não pudesse ver seu amante aquela noite. Ela não precisava ter se preocupado. Ela mal fechou seus olhos e logo adormeceu e no mundo de sonho o homem veio para ela.

Ele era muito mais alto que os homens de sua tribo, com cabelo marrom claro cortado muito curto a ponto de aparecer o seu pescoço. Ele olhou para com aqueles olhos que pareciam dois pedaços de céu azul.

Normalmente ela sonhava com ele nu, sua pele era muito pálida, lisa e tão flexível quanto um couro finamente curado quando ela o acariciava. Mas hoje à noite ele vestia roupas diferentes de qualquer uma que ela já tinha visto antes. Elas eram de pano, e não pareciam terem sido feitas por mãos humanas. Aiyana ficou na frente dele, e correu suas mãos de alto a baixo por seu casaco azul e tocando no processo o colarinho de sua camisa branca. Ela se fixou no pedaço colorido de tecido ao redor seu pescoço. As roupas não eram mais fantasmagóricas no corpo morno do homem. Talvez ele não fosse do mundo de espírito afinal. Ele sorriu para ela e começou a soltar o laço e remover o pano do colarinho.

—Você está vestida.

Aiyana olhou abaixo e achou que ela estava em seu melhor vestido. Era de cor uma cor clara com complicado desenhos e franjas longas. A mãe da Aiyana o fez para ela antes dela sair de casa começar a estudar e morar com Hausis e começar seu treinamento como uma curandeira.

—Sim. —Ela alisou o casaco azul do homem novamente. —Suas roupas são muito estranhas.

—É um terno. —Ele a alcançou e esticou a mão para passar pelo comprimento do cabelo da Aiyana, alisando ligeiramente sua trança que agarrou-se um lado. —Seu cabelo é tão brilhante. —Ele passou o nó de seus dedos junto sua mandíbula.

—Qual é o seu nome?

—Aiyana. —Até agora ela só tinha pensado nele como um convidado espiritual em sua cabeça, não havia sido real o suficiente para trocar nomes.

—Eu sou Connor. —Seus lábios se moveram e ela ouviu o som de sua voz, nesse momento seus pensamentos mudos e foi suas palavras que Aiyana ouviu e compreendeu.

—Connor. O que ele significa?

—Eu não tenho a mínima ideia. —Ele riu. —O que o seu quer dizer?

—Flor eterna.

—Bonito. —Ele passou o dedo dele polegar através de seu lábio inferior. —Um nome bonito para uma mulher bonita. —Inclinada adiante, ele cobriu sua boca com a dele.

Aiyana fechou seus olhos e aceitou o presente. Seus lábios eram mornos e suave e se apertavam firmemente contra os seus. Ele lambeu seus lábios ligeiramente e deslizou a língua entre eles. Ela amou o modo suas línguas duelavam uma com a outra, como se fossem um par de lontras dançando nas águas do rio. A ideia a fez dar uma risadinha.

Connor se separou dela.

—O que aconteceu?

Ela colocou uma mão sobre a boca.

—Sua língua faz cócegas em meu lábio.

A tristeza que nublava seus olhos azuis desapareceu. Seu sorriso amplo mostrou seus dentes brancos e os cantos de seus olhos se ondularam.

—Vamos ver o onde mais eu posso fazer cócega. —Ele se inclinou para beijar sua mandíbula e morder a pele sua garganta. Ela ofegou e ergueu seu queixo, querendo mais de seu toque.

Ligeiramente, ele chupou a pele acima do buraco de sua garganta. Sua pulsação se acelerou e ela se perguntou se ele podia sentir a batida de seu coração contra a língua. Como podia seu corpo responder com tal prazer se eles só se conheciam no mundo dos sonhos?

Com uma de suas mãos dele na parte de trás de seu pescoço, e com a outra ele deslizou na parte frente de seu vestido de pele de veado e colocou a mão em forma de xícara em seu seio escondido pelo decote. Ele tirou levou boca para longe de sua garganta e correu seus dedos acima do bordado de contas coloridas que decorava o seu corpete.

—Seu vestido é bonito, mas você poderia tirá-lo, não é?

Aiyana riu. Ela não ficou ofendida. Era exatamente o que ela queria fazer. Se isto fosse um sonho normal, ela teria se achado imediatamente nua, pensou se isso tinha se tornado um hábito, mas neste sonho ela teve que soltar as fitas atrás de seu vestido. Ela ergueu os braços e Connor o puxou acima de sua cabeça. Ela estava nua diante dele.

Ela não sentiu nenhuma vergonha ou culpa de estar nua na frente de um homem que não era seu marido. E também não tinha nenhuma preocupação em perder sua virgindade antes do casamento. Neste lugar, que não era nem Terra nem céu mas que era um lugar entre o dois, Aiyana estava simplesmente relaxada, feliz e ávida para compartilhar seu corpo com seu amante.

Connor olhou para ela da cabeça até os pés. Seus olhos azuis eram como águas transparentes. Eles diziam a ela que ele a achava bonita. Ele acariciou com sua mão a garganta dela, acima de seus seios e desceu por sua barriga.

Aiyana acariciou seus braços e disse a ele o que ela nunca ousaria dizer a homem nenhum no mundo real.

—Você também. Tire suas roupas.

Ele desabotoou sua camisa e a deixou cair por seus ombros a camisa e o paletó, jogando eles no chão.

Ele removeu suas calças, seus sapatos estranhos, o brilhante e negro pano que cobria seus pés e as calças pequenas que cobriam suas partes privadas. Quando ele endireitou, Aiyana admirou seu corpo nu como ele admirou o dela.

Este sonho era o mais claro ainda. Connor não era mais uma figura obscura vaga, mas ele era tão real quanto qualquer pessoa Aiyana já conheceu. Seus ombros não eram muito largos, mas eles eram sólidos e seus bíceps eram marcados com músculos. Sua mão coçava para deslizar pela pele lisa de seu tórax e beliscar seus mamilos que estavam apontados em seus círculos rosados pequenos. Seu torso era liso, seus quadris magros e suas pernas longas. Ela olhou a trilha de pelos que desenhavam um caminho que a levava abaixo de seu umbigo e vinha acabar em um pênis sólido que estava ereto de seu ninho de pelos. Seu pênis vermelho estava vivamente apontado em direção a ela.

Sua vontade de tocá-lo era muito forte para resistir, e como isto era um sonho ela não precisava se conter.

Aiyana o alcançou e pegou suavemente o membro rígido do Connor, ficou pasma com seu calor e a suavidade da pele que cobria aquela ereção dura. Ele prendeu respiração com um silvar entre seus dentes.

—Mais forte. —ele pediu. Seus olhos não a abandonavam.

Aiyana obedeceu, e prendeu sua atenção naquele pênis pulsante e começou a bombeá-lo.

Ela deslizou sua mão para cima e para baixo várias vezes, e correu seu dedo polegar acima da cabeça inchada onde as gotas brancas de umidade saíam da abertura. Se ajoelhando diante dele, ela sentiu a grama seca em seus joelhos. Ela lambeu a cabeça suavemente, a ponta de seu pênis, saboreando a essência do homem. A experiência era incrivelmente real. Uma brisa morna soprou seu cabelo em seu rosto e ela os afastou. Pela primeira vez que ela estava ciente de estar em um lugar real, um lugar flutuante em um limbo nublado.

Eles estavam ao ar livre. Talvez eles tivessem estado lá desde o começo mas ela não tinha prestado muita atenção ao ambiente antes. Ou talvez era um desenvolvimento novo no curso de sonhar. Eles estavam no banco de um vasto rio, com uma tira de grama de terrestre em meio a um agrupamento de árvores na esquerda e de água fluindo à sua direita. O som de da correnteza do rio era para Aiyana tão alta que ela pensou que teria que ter notado isto antes.

Ela olhou até achar Connor assistindo ela lambendo seu pênis. Suas pupilas se dilataram e seus olhos azuis ficaram quase pretos. Sua língua rosa aparecendo através de seus lábios separado.

—Deus, isso é tão bom. —ele murmurou, suas eram palavras diferentes, mas mesmo assim sua compreensão foi perfeita.

Aiyana prendeu sua atenção na base de seu pênis vigorosamente com seu punho enquanto chupando a cabeça. Ela afagou suas bolas com sua outra mão, apertando a bolsa suave e suavemente também massageando seus testículos entre seu dedo polegar e indicador. Vendo o efeito que ela podia produzir um homem só com sua boca a encantava e produzia nela um afrodisíaco poderoso.

Connor gemeu e dava punhalada em sua boca, seus quadris balançando e suas pernas tremiam com tensão. Ele segurou sua cabeça entre suas mãos, dedos passeando por seu cabelo, e ele se empurrou mais rápido. De repente ele parou e a puxou longe.

—Eu vou gozar. —ele ofegou.

Aiyana abaixou suas pálpebras sedutoramente e sorriu.

—Goze então.

Ele levantou suas sobrancelhas de forma interrogatória, dois arcos perfeitos contra sua pele pálida. Ela movimentou a cabeça e o agarrou novamente. Ela o chupou profundamente e moveu sua cabeça de cima abaixo, trazendo ele para a extremidade do orgasmo mais uma vez. Connor agarrou sua cabeça mais firmemente. Seus quadris empurravam enquanto ele fodia sua boca mais duro. Ele empurrou mais uma vez e congelou. Um gemido estrangulado veio de fundo de seu peito. Seu pênis pulsando contra sua língua e jatos mornos de sêmen veio bater direto em sua garganta. Ela tragou e continuou a mover sua mão até que ela ordenhou a última gota de prazer dele. Deixando sua pênis deslizar de seus lábios, ela enxugou sua boca e se sentou sobre seus pés. Ela embalou seu pênis em sua mão, sentindo seu poder nele até o deixá-lo flácido.

Tremendo as pernas do Connor não sustentariam seu peso e ele soltou para seu joelhos tentando se sustentar. Seu tórax se expandiu e ele olhou em seu rosto com os olhos vítreos de homem que estava completamente saciado. Ele a puxou para seus braços.

Aiyana se sentiu mais quente e mais faminta do que nunca quando ela se agarrou a aquele corpo quente e suado. Ela sentiu sua pele se arrepiar por toda parte e seus seios doeram quando eles se apertaram contra aquele tórax nu.

Ela começou a desejar que ele a sentisse em sua boca, porque ela o queria muito novamente e o queria dentro de sua boceta, esfregando seu clitóris. Depois de um minuto, Connor puxou para longe. Seus olhos eram azuis claros novamente, era uma cor estranha, como as águas do rio refletindo o céu em um dia do verão. Ele sorria para ela e seu coração se acelerou.

—Sua vez agora. Eu vou fazer coisas para que você... —Ele deixou que ela imaginasse o que ele tinha em mente. —Deite-se.

Ela sorriu e deitou-se, olhando para o céu e o sol, brilhante com o dente-de-leão e algumas nuvens brancas, o vento soprava uma brisa leve que mexiam seu cabelo. Conferiu seu um frescor à sua pele nua, mas não a gelou. Ela estava completamente confortável nua naquela cama suave de grama, antecipando as coisas seu amante faria com ela. Era um sonho perfeito.

Connor a ergueu em seus braços e colocou eles acima de sua cabeça, correndo suas mãos ao alto seu comprimento e mantendo suas mãos juntas.

—Segure elas lá como se elas estivessem amarradas. Não se solte ou me agarre não importe quanto você queira.

Ela movimentou a cabeça e obedientemente apertou suas mãos juntas firmemente. Seu corpo sentiu como estivesse coberto de línguas de fogo. Seus mamilos rosa se erguiam com a gravidade, nivelando seus seios, e Aiyana apertou suas coxas juntas em uma tentativa de aliviar a excitação de sua boceta pulsante.

Connor levantou e se separou dela por um momento, procurando por algo no deserto ao redor dele. Ele deve ter achado o que ele estava procurando porque ele andou a passos largos para mais perto da margem e arrancou um talo longo da grama selvagem.

Retornando a seu lado, ele ajoelhou e acariciou com o talo plumoso acima de sua bochecha. Aiyana sorriu ao sentir o toque. Ela teve uma boa idéia do que ele planejava fazer e estremeceu em expectativa.

Connor passou a grama para baixo em seu pescoço para seu peito e o passou de um lado para outro de seus seios, arrelhando seus mamilos inchados. Aiyana meneou e gemeu. Seus seios, já excitados, com rosa muito mais escuro quando ela se arqueou de volta. Ela procurava algo para diminuir sua excitação, ela continuava com suas mãos apertadas acima de sua cabeça. A espera estava sendo uma frustrante e dolorosa tortura deliciosa.

Connor tocou em seus seios até Aiyana estar pronta para gritar, então ele deslizou o talo longo de grama abaixo de sua barriga. Sua pele se arrepiou quando a plumagem se localizou em torno dos cabelos no ápice de suas coxas. Olhos ardidos do seu torturador brilhavam e um sorriso malicioso se desenhava nos cantos de seus lábios.

Depois de cutucar entre suas pernas apertadas, ele correu a lâmina de grama na parte de dentro de cada coxa em direção a seu sexo.

Sua excitação era tanta que ela se sentia pulsar, seu órgão genital estava tão inchado que a sensação era quase insuportável. Ela quis mais que aquela luz tocando ela. Tão velha quanto a Terra propriamente, a necessidade de ser preenchida pulsava por ela.

Ela não tinha mais alívio em só apertar suas coxas juntas. Ela sentia sua abertura se alargando para inspeção dele e os olhos dele devorando toda polegada dela enquanto ele continuava chicoteando ela com a folhagem delicada acima de seu clitóris e de cima a baixo cada uma de sua perna. Ela tremia como uma folha ao vento e sentia que ela poderia explodir com o turbilhão que se formava dentro dela.

Acima de sua cabeça, Aiyana segurou suas mãos juntas muito firmemente com suas unhas cravadas em sua carne. Ela ergueu seus quadris, torcendo eles direito e partiu em uma tentativa para escapar o tortura da lâmina de grama.

Connor era impiedoso.

—Segure completamente quieta. —Sua voz era profunda e dominante e enviou uma fria excitação por ela.

Aiyana forçou seu corpo a ficar parado, embora sua pele se arrepiava e tremia. Suor gotejava de seu rosto com o esforço para obedecer a ordem dele e sua respiração saía ofegante entre seus lábios separados.

Finalmente ele jogou a lâmina da grama fora.

—Boa menina. Agora você consegue um prazer. —Ele sorriu e ligeiramente se curvou para beijar sua boca uma vez antes de mudar a atenção para seus seios.

A boca quente dele deslizou ao redor seu mamilo, chupando ele profundamente. Isso enviou um novo tipo de tortura para sua boceta. Seu clitóris pulsou muito mais forte. Ela quis segurar a cabeça dele em seu seio, sentir a textura de seu cabelo e a pressão de seu crânio duro, mas ela se manteve quieta com as mãos onde ele as havia colocado.

Ele puxou seu mamilo com os lábios e o deixou com um estalar. Ele em forma de xícara segurou o montículo inchado, dois dedos massageavam seu mamilo úmido enquanto ele beijava o caminho para seu outro seio. Seus lábios eram como penas que tremulam acima dela, a pele se arrepiava e onde ele desenhava se erguia o broto em sua boca, chupando isto duro e fundo. Seu corpo respondia para ambos os toque a levava a ver luzes e a fazia a chegar a uma excitação sem igual.

Seu sexo estava extremamente molhado e seus quadris se erguiam para fora do chão, buscando alívio.

Depois de amar seus seios por vários minutos, Connor largou eles. Ele se moveu entre suas pernas e olhou em seus olhos enquanto seu rosto lentamente descia em direção a sua boceta.

Ele lambeu seus lábios e ela de repente soube exatamente onde ele iria pôr sua língua.

Ela prendeu uma respiração e segurou isto. Quando ele alcançou seu sexo e beijou ali suavemente, seus olhos giraram ao redor de sua cabeça e se fecharam.

Connor separou suas dobras femininas com os dedos e imergiu sua língua nelas. Ele lambeu o comprimento de sua racha e rodou a língua em torno do seu inchado clitóris antes de beliscar ele ligeiramente.

Aiyana se curvou para fora do chão enquanto ela ansiava encontrar sua boca. Seus braços continuaram parados acima de sua cabeça, seus dedos fincados na grama e sujeira. Seu corpo estava tão tenso quanto a corda de um arco.

Connor segurou suas pernas separadamente com uma mão em cada coxa trêmula. Ele cavou sua língua bem fundo nela, invadindo-a e chupando seus sucos antes de retornar a massageá-la com a ponta de sua língua acima de seu clitóris. Os movimentos delicados eram uma tortura pior que o da lâmina de grama.

O ritmo fixo dele ecoava dentro dela e lhe despertava um responder ritmado. *Mais, mais, mais*, seu coração implorava a cada batida.

Seu desejo se intensificou, e ondas de excitação tremulavam por ela. A pressão de suas mãos que ele segurava esticada, e a percepção de seu corpo impotente em baixo de seu toque, adicionado uma parcela a mais a seu crescente prazer.

De repente êxtase estourou por ela era com se um broto minúsculo que florescia em segundos se transformasse em uma flor perfumada que enchia toda parte com seu aroma. Estrelas apareciam contra a escuridão de suas pálpebras fechadas e ela soltou um grito de êxtase. Sentiu com se seu corpo saísse do chão e voasse por um momento, flutuando para longe.

Quando seu corpo pulsou pela última vez a última estrela estourou dentro dela, Aiyana sentiu se movendo de volta para Terra. Ela teve a consciência de que estava na cama suave da grama e abriu seus olhos.

Connor esta deitado entre suas pernas, olhando para seu rosto com um sorriso de satisfação.

Aiyana sorriu de volta. Ela lançou os pedaços de grama que ela havia rasgado enquanto segurava seus braços esticados. Depois, ela acariciou rosto do Connor e seu cabelo marrom, tão diferente dos cabelos negros a que ela estava acostumada.

Até a textura do cabelo dele era diferente, mais espesso e grosso. Ele era exótico e estranho com sua pele pálida e seus olhos azuis com o céu.

Connor rastejou para de cima seu corpo e ficou acima dela, mantendo o peso de seu corpo em seus braços enquanto ele olhava em seus olhos.

—Isto é real ou um sonho? —Aiyana sussurrou enquanto ela tocava em sua bochecha. Fazendo desenhos suaves com as pontas de seus dedos no rosto dele. Eles tinham ficado juntos muitas vezes durante as últimas semanas, mas este era o sonho mais real que já haviam tido. Todos os detalhe pareciam mais reais que antes. Um zumbido pareceu iluminar o braço de Aiyana, então foi longe. O cheiro do rio e a Terra em baixo deles aguçavam seus sentidos.

—Como isto está acontecendo, e onde estamos? —Ela perguntou como se ele tivesse uma resposta.

—Eu não sei. —Ele se debruçou beijar seu lábios. —Mas eu não quero chegar ao fim. Eu não quero acordar.

—Como é seu mundo quando está acordado?

Connor rolou para ficar ao lado dela, descansando sua cabeça na sua mão. Ele passou sua mão da garganta até seus seios e brincou com um de seus mamilos à medida que ele falou.

—É muito diferente daqui. Eu vivo em uma casa pequena na cidade e trabalho em um alto edifício ajudando pessoas com problemas legais.

Aiyana tentou traduzir os conceitos em condições ela compreendesse.

—Você mora em uma tribo grande numa aldeia muito grande, e você é como se fosse um chefe que ajuda as pessoas a resolver seus problemas?

Ele sorriu.

—Algo assim.

—Fale-me sobre sua família.

—Meus pais vivem em Manhattan, meu irmão em Califórnia e minha irmã em Connecticut. —Connor pausou por um momento. —Minha esposa morreu faz um tempo atrás.

A dor que ele sempre viu nos seus olhos fazia sentido agora.

—Eu sinto muito.

Ela pegou sua mão e segurou bem forte.

—Já faz alguns anos, mas eu ainda sinto falta dela. —Ele para suas mãos entrelaçadas e depois a encarou nos olhos. —Embora não tanto ultimamente.

Ela sorriu, e ficou contente em saber que ela o ajudou a esquecer seu luto por algum tempo. Como ela tinha perdido seu pai, ela sabia que às vezes era difícil deixar a dor de lado e começar a viver novamente. Se Hausis não a tivesse confrontando dizendo que ela estava desperdiçando seu talento natural e que precisa ir morar com ela para treinar, Aiyana poderia estar ainda se lamentando em silêncio.

—E você? —Ele perguntou. —Me conte sobre você e sua família.

—Minha aldeia está em um vale onde dois braços do rio encontram. Eu vivo com Hausis, uma mulher sábia, que me ensina a arte curativa. Eu a ajudo a juntar ervas, raízes, e a fazer remédios, preparar eles para usar e aprender sobre suas propriedades.

—Você não tem alguém especial em sua vida?

—Minha mãe. —ela respondeu. —Oh, você quer dizer um marido ou noivo. Não. Não existe nenhum homem em minha vida ainda. Eu primeiro estou me dedicando ao meu aprendizado e só depois que eu me tornar uma curandeira terei tempo para isso. Eu talvez possa nunca casar.

—Isso seria uma grande perda para os homens de sua tribo, mas é uma coisa maravilhosa para mim. Eu não perderia você. Nós podíamos continuar nós encontrando aqui, onde quer que 'aqui' seja.

Talvez ele estivesse certo e isso seria suficiente, mas de alguma maneira Aiyana duvidou que qualquer um deles pudesse ter essa meia vida para sempre.

—Talvez. —ela disse.

Um sorriso que não era realmente um sorriso trançado apareceu em seus lábios.

—Pelo menos nós nunca teríamos que dormir sozinhos.

O olhar de melancolia estava segurando seus olhos novamente e ela queria o distrair e então mudou de assunto.

—Nós poderíamos nadar.

Connor olhou para o rio largo que passava há alguns metros ao longe.

—Lá?

—Sim. Onde mais? —Aiyana levantou e ofereceu a sua mão para o puxar.

—Parece que a água está fria e ele deve ser fundo. E a correnteza não está muito forte? Eu não sou um grande nadador.

—Pode ser bom, se nós ficarmos perto da beirada aí nós não seremos arrastados. —Ela abaixou suas pálpebras e sorriu. —Depois nós podemos aquecer um ao outro.

Ela pegou sua mão e o levou até a beirada da água. Aiyana entrou no raso, mas Connor conteve-se, testando a água com seus dedos do pé.

—Está muito frio.

Ela passou a mão em seu braço.

—Está refrescante. Vamos.

Por sua insistência, ele entrou na água, dentes batendo e com um arrepio subindo por sua pele branca.

—Santo Deus!

Aiyana o arrastou fundo o suficiente que ela pode sentir-se emergir um pouco na água mais raso o suficiente que poderia sentir seus pés no chão.

—Eu não gosto desta parte do sonho. —ele reclamou, indo para cima e para baixo na água próximo a ela e movendo seus braços. —Nós podemos voltar para o sexo?

Aiyana riu e o espirrou a água nele.

—Divirta-se. Sinta!

—Oh sim? —Ele rosnou e empurrou uma parede da água nela com seu braço, mergulhando a cabeça dela na água.

Ela gritou e pulou em cima dele, empurrando ele para trás na água. Ambos desceram.

A água fria fechada acima de seus braços redor da sua cabeça e Connor ao redor da dela. Ele segurava, guiando ela com ele em direção ao ar e a luz solar, eles dois estalando e buscando ar.

Ela tirou seus braços do pescoço de Connor, e agarrou seu corpo escorregadio, molhado. Seu cabelo esta grudado em sua cabeça, tão macio e lustroso quanto a pele de pele de um animal. Água pigava de seu nariz e queixo.

Ele perdeu o equilíbrio e eles ficavam entrando e saindo da água, repetidamente, como se eles fossem um casal de peixes flutuando nas ondas agitadas.

Eles nadaram juntos, espirrando e se tocando até que seus dentes começaram a bater e seus lábios ficassem azuis com o frio, antes de saírem do rio com dificuldade e deitarem-se sob o calor do sol.

—Em meu tempo nós não podemos nadar no Hudson. Ele é muito poluído. —ele disse. E este rio fala muito sobre a paisagem. Eu me pergunto se nós não devíamos, em vez de questionar o 'quando', perguntar 'onde'.

Aiyana conhecia perfeitamente a paisagem que estava em suas costas e lentamente se aconchegou em baixo do céu azul. Um dos braços do Connor estava fortemente apertado em seu corpo.

Ela girou a cabeça para olhar para ele. Ele estava olhando atentamente para ela, como estivesse memorizando seu rosto.

—Fale pra mim mais sobre você. Eu quero saber tudo sobre você. O que são seu povo, os Mohican, os Iroquois?

Ela agitou sua cabeça, não entendendo a pergunta.

—Eles são os *Kitchawanc*. Se você quis dizer meu clã, as outras tribos nos chamam de 'as pessoas de ostra' Porque existem muitas conchas por parte do rio onde nós vivemos.

—Você já tinha visto pessoas como eu? Pessoas com roupas estrangeiras?

—Não, nunca.

—Poderia ser que estivéssemos em uma época anterior a chegada dos exploradores europeus. —Ele falou como se estivesse pensando em voz alta e suas palavras não faziam nenhuma sentido. —Então seu povo caça e pesca para comer. E vocês plantam e colhem, também? Milho, talvez?

—Existem jardins em minha aldeia, sim. Não existem em sua aldeia? Como vocês tem comida sem eles?

—Restaurantes e comida congelada. —Ele sorriu e esfregou uma ruga entre as sobrancelhas dela com seu dedo polegar. —As coisas são muito diferentes onde eu venho. E eu acredito que o que nos separa é uma extensão longa de tempo. Veja, eu ouvi você falar sobre o seu povo, mas você não pode nem imagina o meu.

—Você vive no futuro. —ela disse, querendo que ele soubesse que ela não era uma ignorante, que ela entendia o conceito. —Lá a maioria pessoas são mais como você, do que como eu ?

Novamente ele deu seu seu sorriso infeliz.

—Não sobraram muitos. Muito tempo passou. —Seu peito doeu como se ele tivesse dito que sua aldeia inteira de repente morreu de uma febre. Ela tentou imaginar um mundo estranho em que seu grande povo estivesse reduzido a nada.

—O que aconteceu com eles?

—Eles não desapareceram de tudo. —ele a assegurou. —Alguns vivem em reservas ou trabalham em cassinos. Alguns casaram com pessoas de outra raça ou se tornaram uma parte da população geral. Eles mudaram e deixaram de viver os velhos costumes. —Ele pausou e ela sentiu que havia mais que ele não estava dizendo a ela.

Mas isto era para ser um sonho agradável. Não havia razão para se preocupar com um futuro que poderia ser só parte de sua fantasia de uma noite sem mais substância que uma bolha de ar. Ela sorriu para ele.

—Bem, nós estamos ambos aqui e agora. Neste momento, neste lugar no tempo, eu tenho você.

Ele se inclinou para beijá-la, sua boca se demora na dela em uma carícia gentil.

—E eu tenho você. —ele sussurrou contra seus lábios.

Aiyana fechou seus olhos e inclinou em direção a ele, seus braços deslizaram ao redor dele, sua boca duelando com a dele. Mas ele não estava tal qual ela o beijou mais cedo. Aiyana não sentiu sua solidez e o viu desvanecendo como um floco de neve derretendo e se tornando um nada.

Seus olhos abriram-se de repente. O dia já não brilhava, o som e cheiro do rio estava sumindo, e os braços do homem ao redor seu corpo se foram. Ela se viu na cama olhando fixamente para o teto de rebentos entrelaçados e o som de um latido.

Aiyana colocou seus dedos sobre a boca, ainda sentindo o peso e calor de seu beijo, mas ele desapareceu na terra de seus sonhos mais uma vez. A dor a cortou como uma faca, e ela percebeu que ver seu amante somente em seus sonhos já não era mais suficiente.

Ela tinha achar um caminho para encontrar Connor no mundo real.

Capítulo Três

Connor acordou com o alarme de seu relógio que tocava uma música romântica insosa. Ele amaldiçoou e bateu o punho no botão de soneca para terminar com o barulho.

Ele se sentiu vazio. A noite tinha sido extremamente curta e seu corpo sentia como se tivesse realmente feito todas aquelas coisas de seu sonho. Connor podia ainda sentir a pressão da boca e do corpo de Aiyana contra o seu. Ele claramente recordava a sensação de mergulhar no gelado rio, a grama suave e o sol que brilhava em sua pele. Sua pele estava morna. Ele esfregou seus braços e olhou para eles, tentando decidir se o tom rosado era de uma queimadura ou se ele somente tivesse tido febre durante seu sonho.

O que estava acontecendo com ele tinha que ser mais que um sonho. Cristo, a mulher realmente tinha um nome e agora uma história de vida, Aiyana, uma aprendiz de curandeira de uma tribo de nativo americanos.

Connor esfregou seus olhos e beliscou a ponte de seu nariz. Talvez ele devia marcar uma consulta com Dr. Loomis, o terapeuta que ele conversou depois da morte de Helen. Os sonhos estava ficando muito mais detalhados e reais para ser normal. Talvez ele estivesse sofrendo algum tipo desligamento da realidade, um surto psicótico que podia ser perigoso.

Ele se sentou na cama e empurrou de lado suas coberturas e olhou fixamente para seu corpo. Ele estava sujo e tinha fragmentos de grama em suas pernas e peito, como alguém que nadou em um rio e deitou na grama depois.

Connor passou e tirou algumas lâminas da grama de sua coxa e limpou uma mancha de lama. Ele ergueu sua mão até o nariz e sentiu o odor argiloso do rio. Ele soltou sua mão no colo e ficou olhado fixamente para seu corpo em silêncio por um bom tempo até que ele disse em voz alta.

—De jeito nenhum. —Ele balançou sua cabeça para fortalecer suas palavras. —Não. Impossível.

Se isso só podia se uma coisa, ele devia estar sonhando, e deixou o subconsciente guiá-lo e saiu pela cidade. Ele podia ter sido assaltado ou ter se perdido enquanto andava pela noite. Ele tinha que ver o Dr. Loomis imediatamente.

Tirando suas pernas para fora da cama, ele caminhou para o banheiro e foi diretamente no chuveiro, para lavar qualquer evidência nele que não pudesse compreender.

Mas quando ele estendeu suas mãos contra a parede e curvou sua cabeça para baixo da água quente, Connor reviveu o sonho. Ele sentiu cabelo espesso e escorregadio de Aiyana que escorria por seus dedos, a suavidade de seu rosto. Ele lembrou de sua pele lisa, e ouviu as notas doces e musicais da voz dela. A intensidade de seus fundos olhos marrons e de seu sensual riso assombrava ele. A lembrança de sua boca quente e de seus beijos apaixonados o deixaram duro mais uma vez.

Será que existiria alguém com quem ele pudesse conversar, alguém que ele pudesse contar sobre esta experiência, e que não automaticamente o julgaria mentalmente desequilibrado. Connor ergueu sua cabeça e deixou a água escorrer por seu rosto. Um pensamento o atingiu e ele desligou o chuveiro. Existia alguém.

Ele agitou a água de seu cabelo, saído do chuveiro e pegou uma toalha seca. Depois de a toalha ao redor sua cintura, ele pegou seu telefone celular e digitou o número de seu irmão, Matt. Ele lembrou que na Califórnia tinha a diferença de três horas em relação a costa Leste e ele desligou o telefone depois de um toque. Ele teria que tentar mais tarde .

Connor seguiu seu roteiro diário no piloto automático. Estava espantando por ter chegado até seu trabalho sem ter sofrido um acidente. Em seu escritório, ele pegou uma xícara de café e admirou a vista da janela, se via no rio refletido o céu de março. Ele ficou inerte por uns trinta minutos. Quando ele finalmente saiu de sua letargia, o café estava frio.

O rio em seu sonho podia ter estado em qualquer lugar. Inferno, era um rio de sonho, não existia em *lugar nenhum* exceto em sua imaginação. Mas agora olhando a superfície do Hudson, ele estava gostando muito para a água era como a de seu sonho, ele se sentiu positivo de que realmente aquele lugar existisse mesmo.

—Ridículo. Isto é foddidamente ridículo. —ele murmurou para ele mesmo enquanto cruzava a sala até a sua escrivaninha, olhando para baixo ele despertou seu computador de sua soneca noturna. On-line, ele digitou no a palavra, “Tribos indígenas do Vale do Rio de Hudson” e apertou o botão de procura. Ele leu os artigos sobre as tribos que habitaram estado de Nova Iorque; Iroquois, Wappinger, Mohican, Lenape, Delaware, Pavonia, todas livremente conectada por sua herança de Algonquin.

Ele aprendeu que estas tribos acreditavam em igualdade dos sexos e localizavam linhagem pela mãe. Suas habitações em forma de cúpula eram crescidas em cachos em estacadas. Connor soube principalmente sobre tribos de planícies ele estava interessado em saber detalhes sobre o estilo de vida rústico dos índios em suas próprios áreas do país. Eles plantavam, pescavam, caçavam, negociavam peles, faziam cerâmicas e teciam cestas.

Ele olhou para a representação artísticas das aldeias ocupadas e tentava ver Aiyana lá vivendo uma vida cotidiana. Ele tentou imaginar ele mesmo naquela aldeia, saindo para pescar todo dia, remendando redes ou percorrendo o bosque. Hah!

A comicidade da ideia que ele estava entrevedo o superou. Connor bateu no mouse, e fechou o site da Web.

—Jesus, eu estou enlouquecendo. Nada disto é possível. Viagem no tempo é muita ficção científica e eu estou perdendo minha sanidade.

Ele ficou um tempo paralisado e depois voltou a olhar a paisagem pela janela para desviar a sua mente da visão. A correnteza do rio, permanente e inexorável... e o sonho parecia real mais uma vez.

Seu telefone celular tocou e ele o pegou, identificando o número como sendo o de seu irmão.

—Oi, Matt.

—Connor! Eu vi que você ligou mais cedo. Qual é o assunto? Tem algo errado com a Mamãe ou Papai? —Matt souu bem acordado, apesar de ser mais ou menos seis e meia da manhã na ensolarada Califórnia.

Connor estava envergonhado porque ele telefonava muito raramente para seu irmão, ele automaticamente suspeitou que houvesse uma crise familiar.

—Não. Eles estão bem. Eu queria fazer uma pergunta, tipo misteriosa. Eu queria perguntar uma coisa para Dex. Ele está aí?

—Ele já está no estúdio trabalhando. Ele pegou um prazo curto. É importante?

Connor mordeu seu lábio e pensou sobre a sujeira e grama em suas pernas.

—Sim. Eu acho é muito importante.

—Eu vou chamá-lo. Você vai esperar ou eu o terei de ligar de volta.

—Eu vou esperar.

—Eu posso perguntar qual é o assunto? De alguma maneira eu não acredito que esta emergência tem alguma coisa a ver com pintura, então ele deve ser sobre a outra habilidade de Dex que você está querendo conversar. Eu achei você não acreditasse em seu talento psíquico. —O tom do Matt era de gozação.

—Eu nunca disse que não acreditava. Eu estava reservando meu julgamento até que eu tive mais provas. Agora uma coisa estranha está acontecendo comigo e eu acho que aquela prova caiu direto em meu colo. —Ele riu. —Eu estou me sentindo muito mais flexível sobre o paranormal agora.

Matt riu também.

—Connor, você me mata. Você precisa levar um bofetão no rosto para você acordar para as possibilidades do mundo.

Ou fora do mundo. Connor sorriu da ironia e mudou o assunto.

—Então vocês estão se dando bem?

—Felizes como dois percevejos alegres em um tapete. —Matt disse. —Só um segundo. —Houve um momento de silêncio antes dele voltar ao telefone.

—Certo, o Dex está aqui. E você não pode pedir para ele manter segredo por que eu preciso ouvir mais sobre este evento misterioso.

—Matt!

Connor ouviu o som amortizado de seu irmão rindo, então a voz grave e profunda de Dex.

—Oi. O que está acontecendo?

—Eu odeio conversar sobre isso pelo telefone, mas você era o único paranormal que eu conheço e que eu posso ter certeza de que não é um charlatão.

Connor estava realmente contente com o telefone, ele achava que era mais fácil contar sua história pelo telefone do que olhar para os olhos preocupados de Dex.

—Começou há mais ou menos três semanas atrás...

Ele depressa relatou a progressão dos sonhos de fantasias eróticas nebulosas até as alucinações concretas culminando em lama e grama em sua cama.

—Então, o que você acha? Já ouviu falar de qualquer coisa como isso? Me fale o que você acha, pensa que tenho andado como sonambulo ou algo assim? Talvez tenha molestando alguma pobre mulher em meu sono?

Connor riu nervosamente. Houve uma pausa longa. Diferentemente de Matt, Dex nunca falava sem pensar muito cuidadosamente antes.

—Eu queria que nós vivêssemos mais perto. Eu gostaria ver e vigiar você enquanto você dorme. É difícil dizer o que está acontecendo sem ver você pessoalmente.

Por um lado Connor estava aliviado por ele ter feito a ligação, mas por outro lado ele sentiu envergonhado em discutir sua vida noturna secreta e saber que o que ele vinha vivendo era um fato.

—Eu ouvi falar deste tipo de coisa antes. —Dex continuou. —Assumindo que você não tem um problema mental, eu diria que você está se encontrando com uma manifestação de outro tempo, ou até possivelmente de outro mundo. Metafisicamente falando, você está se conectando com sua companheira de alma em um paradigma criado pela psiques de ambos em conjunto.

Connor sentiu suas bochechas queimarem como se todo mundo na empresa estivesse escutando este seu telefonema louco. Ele sempre odiou essas coisas sobrenaturais e agora ele estava no meio disto e considerando uma conexão paranormal como uma realidade possível.

—Uau, isto é... —Ele não teve nada para adicionar.

O riso do Dex expandiu.

—Querido, eu sei que você não acredita neste material, mas eu acho que seria melhor você começar a acreditar. Daqui é o que eu posso fazer por você. Mas eu tenho um amigo em Nova Iorque, muito respeitado no campo paranormal. Eu vou dar para você o telefone e vou passar o seu para ele. Talvez ele possa ajudar você a compreender e como lidar com esta situação.

—Uh, certo. Obrigado.

—E entretanto.. —Riso contidos tremulavam na voz de Dex. —Eu só gostaria que você aproveitasse bem os sonhos enquanto ele durem.

Se fez uma pausa e depois ele ouviu a voz divertida de Matt.

—E se você desaparecer de repente nunca mais ser visto novamente, nós saberemos onde você foi e desejaremos a você muitas felicidades.

—Engraçado, Matt. Eu posso conversar com Dex, por favor?

Connor pegou o número de telefone, agradeceu o irmão e seu namorado novamente, e desligou o telefone.

Ele se inclinou de volta em sua cadeira e olhou fixamente para o relógio na tela de seu computador, lembrando-se de como Aiyana se sentiu tão escorregadia quanto um peixe quando ele a pegou na água. E lembrou também de como seu cabelo molhado se enroscou ao redor de seu braço como alga e como seus lábios estavam úmido e frescos...

Depois de alguns segundos ele se agitou e saiu de seu transe e começou a fazer o seu trabalho embora já tivesse perdido a manhã .

No meio da tarde ele colocou longe a papelada do caso de Litman e preparou uma minuta para o terno de divórcio do MacDonald. Connor permitiu que seus pensamentos voassem para longe dos termos civis eles foram de volta para Aiyana.

Ele abriu um bloco de papel e fez algo que ele não fazia há muito tempo. Ele começou desenhar. De olhos fechados, ele guia sua mão sobre o papel, traçando as linhas e curvas do rosto e do corpo de as linhas e curvas de Aiyana, registrando o modo como ela o olhou ao subir da água, seu cabelo molhado, a água que rolava de sua pele nua. Quando ele estava acabado com o esboço, ele ficou surpreso com o resultado. Ele capturou as linhas fortes do rosto dela e a essência de sua graça natural.

Connor contornou com seu dedo através o desenho e quis tocar a pele dela mais uma vez. Seria possível? Será que ele poderia forçar um dos sonhos apenas dormindo?

Ele se debruçou de volta em sua cadeira e fechou seus olhos. Se passou um minuto.

Dois.

Três.

O sono não vinha. A idéia de controlar o sono, para ele ser capaz de trazer Aiyana a ele a qualquer hora que ele quisesse era muito excitante. Finalmente, quando ele achou que ele nunca conseguiria pegar no sono, Connor começou dormir. E ele sonhou.

* * * *

Aiyana varreu o chão, então se sentou no chão com um balaio em seu colo e nele tinha raízes secas que virariam pó. Era um dia cinzento, chuvoso, muito frio e horrível para estar ao ar livre, mas era o tempo ideal para organizar material e preparar tinturas e pós. Mas o silencioso trabalho permitiu tempo demais para Aiyana pensar.

Mais cedo, Hausis tinha se sentado perto do calor do fogo e interrogou Aiyana sobre as propriedades do absinto, a genciana, da arnica, do cardo e da bruxa castanho. Ela recitou tudo, ela sabia o que era bom para queimaduras, cortes e inflamações e quais eram boas para fazer chás contra febre, reumatismo e contra os problemas estomacais. Quando Hausis confirmou com satisfação e com um grunhido e deixou a cabana para ir visitar um de seus amigos, Aiyana ficou sozinha com suas tarefas e seus pensamentos. A tarefa repetitiva deixou seus pensamentos livres para viajar por seus sonhos reais.

Aiyana não tinha mais qualquer dúvida de que os sonhos eram presentes do mundo espiritual. Ela se perguntou que tipo de lição ou perspicácia ela deveria aprender com eles. Tudo que ela aprendeu até agora era que ela queria Connor desesperadamente.

Ele mexeu com um fogo íntimo tão intenso que seu corpo começava a doer com o mero pensamento sobre ele agora mesmo.

A princípio ela tentou suprimir os sonhos, tomava chá de cereja preto antes de ir para a cama, com isso ela esperava cair em um sono sem sonhos, mas agora ela queria descobrir que raízes ou ervas a fariam dormir e sonhar.

Mais que isto, ela queria achar um jeito de conseguir sonhar com seu amante e trazê-lo para o mundo físico. Tinha que ser possível.

Ela não ousa pedir a Hausis orientação, porque sua mentora já havia lhe dito que era errado experimentar o mundo espiritual. Existia só uma pessoa que Aiyana sabia ter acesso ao outro lado.

Só um que possivelmente poderia possuir o conhecimento que ela procurava. Além do limite da aldeia, fora no deserto, lá viva um homem que há muito tempo tinha sido banido da aldeia por matar seu irmão. Na tribo de Kitchawanc, não existia condenação pior do que o banimento e isso só era reservado aos crimes mais extremos.

O homem chamado Mahasset parecia possuir uma magia muito forte, até a habilidade de conversar com os mortos. Aiyana sabia que algumas pessoas às vezes iam conversar com ele por razões secretas, trazendo bens que ele podia querer como pagamento por sua ajuda.

Com Hausis ocupada pelas próximas horas, esta tarde seria perfeita para ir ver o homem e descobrir se existia qualquer coisa que ele pudesse ajudar ela a alcançar sua meta.

Aiyana se embrulhou em seu casaco de pele de veado para se proteger da chuva. Ela pegou uma cesta com mel, nozes pretas, e várias coisas úteis para o ermitão, e partiu enfrentando a chuva em direção a casa dele no pântano próximo à floresta.

Capítulo Quatro

Em seu sonhos, Connor caminhou com Helen pela praia em Croton Aponta. O rio produzia uma espuma branca no lugar onde se fundia com o Hudson. Conchas de ostra e pequenos pedregulho mastigou sob os pés enquanto eles passeavam ao longo da orla. Helen estava exatamente com a mesma aparência do seu último aniversário, seus vinte e seis, dois dias antes dela morrer. O vento balançava seu cabelo loiro com mechas cor de mel através de seu rosto e ela os afastou com um risada. Seus olhos verdes pálidos, a primeira coisa que chamou a atenção de Connor quando ele a encontrou foram seus olhos.

—Como você está, amor?

—Melhor. Eu ainda sinto sua falta.

—Mas não tanto. —Ela ouviu o que ele disse sobre Aiyana e sorriu. —Isto é bom. Esta mulher serve para você.

—Eu mal sei qualquer coisa sobre ela a não ser que ela é de uma primitiva tribo. Além disso, ela é só um sonho. Não existe nenhum futuro nisso.

—Só um sonho, como eu? —Helen levantou uma sobrancelha. —Às vezes sonhos podem se tornar realidade se você os quiser o suficiente. Eu sempre disse a você isto, lembra? Mas você pensou que você tinha que ser prático porque seu pai colocou em sua cabeça o que ele queria de um modo que você se tornou um advogado em vez de ir para a escola de arte. Sonhos contrariados. Que desperdício.

Ele encolheu os ombros e não respondeu. Algumas coisas nunca mudam. Eles discordavam sobre quando ela era viva.

—Escute. —Ela pôs uma mão em seu braço para conseguir sua atenção, mas ele mal podia sentir seu toque, que era presença fantasmagórica, sólida mais diferente de Aiyana naqueles outros sonhos. —Eu sei você se culpou pelo acidente Connor, isso é típico de você, tomar responsabilidade de algo que está além de seu controle.

—Eu não devia ter cochilado. —ele disse. —Se eu tivesse ficado mais atento e assumido a direção, o acidente poderia não ter acontecido.

Helen arregaçou as mangas de seu suéter até o cotovelo, em um gesto tão familiar que enviou uma dor aguda ao coração dele.

—Obrigado pelo voto de confiança em minhas habilidades de motorista. —Sua voz era ácida. —A estrada estava escorregadia, era para acontecer o acidente. Fim de história. Se você não tivesse sido convencido, você poderia ter dormido na direção e nós ainda teríamos sofrido o acidente. Chega, Connor! Não se culpe mais. Me deixe partir. Esta mulher é o melhor para você.

—Como isso pode ser possível? Ela não é real. —ele protestou.

—Ela é tão real quanto você ou eu. E ela é uma curandeira. Deixe ela curá-lo e ajudar você viver novamente. Porque, amor, agora mesmo você está mais morto do que eu.

Helen deu um sorriso inclinado para o lado e, como o gato da Alice no País das Maravilhas, seu sorriso permaneceu mesmo depois dela desaparecer.

Os olhos de Connor se abriram de repente. Ele sentou ereto em sua cadeira, um espasmo de dor passou por seu pescoço por descansar em um ângulo estranho. Ele passou uma mão através de sua boca, pegando pouco de baba no canto da boca.

—Isto é loucura. Eu devia estar vendo Dr. Loomis em vez de pensar em um perito paranormal. —Mas apesar de seus instintos, ele pegou o telefone e digitou o número que Dex lhe deu.

—Oi?

—Eu posso falar com Harold Raimer, por favor?

—Ele mesmo. Como posso ajudar você? —A voz nasalada não deixava dúvida de que era da Nova Inglaterra.

Connor ficou surpreso, despreparado para indicar seu caso. Ele pensou que uma recepcionista o atenderia e aí ele marcaria uma hora para outro dia.

—Eu ... uh ... eu sou um amigo de Dexter Madison. Eu não sei se ele falou com você sobre mim. Meu nome é Connor Baías.

—Sim. Eu estava planejando ligar para você. Sua história está me intrigando. Eu não posso esperar ouvir mais. Você teria tempo para vir ao meu escritório mais tarde hoje?

—Hoje? —Era mais cedo que ele esperava. Connor pensou sobre Helen e no rio e como ele e Aiyana fizeram amor na correnteza. —Certo. Eu terei tempo esta tarde.

* * * *

Quando ela andou pela grama de prado alto e gotejando da floresta para pequena cabana, Aiyana sentiu o vento na pele apesar de seu capote protetor. A fumaça saía no buraco do topo da cúpula, mostrando que era habitada.

De repente estava mais nervosa agora que no momento em que iria confrontar o homem mágico era por isso que estava aqui, ela caminhava para a porta da cabana. A água gotejava na parte de trás de seu pescoço à medida que ela permaneceu fora da casa e chamou o nome do ermitão em voz alta.

—Mahasset.

Houve um longo silêncio. Os únicos sons na casa eram o cantar dos grilos e das rãs das árvores e do barulho da chuva que gotejam dos galhos das árvores.

—Mahasset. —ela chamou novamente. —Eu peço sua sabedoria.

Não houve nenhuma resposta. Ela tirou a água mais uma vez de seu rosto aborrecida e chorou muito mais alto.

—Mahasset, por favor, eu preciso de sua ajuda.

A porta se abriu em uma pequena fresta. A luz escura de dentro emoldurava um homem magro, velho na entrada. Longos fios branco de cabelo saíam da lateral de sua cabeça particularmente calva em um rosto enrugado.

—Filha, o que você deseja? —Sua voz era surpreendentemente forte dada a debilidade de seu aparecimento.

—Por favor, Ancião, eu preciso de seu conselho. —Aiyana avançou mas manteve uma respeitosa distância mesmo por que ele ainda não a havia sido convidada a entrar em sua casa. —Eu tenho encontrado alguém, uma pessoa espiritual, na terra dos sonhos. Estes não são sonhos comuns, e eu desejo... eu *preciso* trazer esta pessoa para o mundo real. Eu quero o ver este homem sobre a verdadeira luz solar.

O homem velho comprimiu os lábios e arrumou a manta em seus ombros. Ele poderia ter ficado carrancudo mas era difícil de dizer porque seu rosto era tão alinhado. Mas dentro do ninho de rugas, seus olhos escuros eram avaliadores.

—Como você sabe que este espírito deseja entrar em nosso mundo? Será que você o traria aqui contra sua vontade?

Aiyana ficou deslocada, desconfortável com a pergunta. Ela já tinha perguntado isto a ela mesma. O que Connor faria se ela fosse capaz de o trazer para sua vida? Iria ele querer vir? Existia um lugar para ele aqui?

—Eu perguntaria a ele primeiro, claro. Mas você sabe um modo ou você tem o poder para fazer com que isto seja possível?

Mahasset olhou fixamente para o chão por um minuto inteiro antes de levantar seu olhar.

—Venha. Se sente perto do fogo. Eu pensarei sobre isso.

Aiyana abaixou sua cabeça para entrar na cabana baixa. Dentro do quarto esfumaçado pelo fogo, tinha uma esteira, uma pilha de peles e algumas cestas e painéis pendurados na parede. Armadilhas e ferramentas penduradas acima deles. Aiyana educadamente se curvou até o homem mais velho, e tomou seu lugar junto ao fogo.

—Eu trouxe a você algo como um tributo por sua ajuda. — ela disse, afastando a cesta. O homem velho não olhou o presente, meramente abaixou seu corpo velho lentamente ao lado do fogo. Ele olhou sombriamente para as chamas.

Aiyana se sentou com as pernas cruzadas de frente para ele, aquecendo suas mãos e esperando por uma resposta. Ela conhecia anciões, como Hausis, eles gostavam de usar silêncio como uma ferramenta, testando a pessoa. Ela quase tirou uma soneca, exausta da longa caminhada e de falta de sono na noite anterior, quando a voz do homem velho deixou desperta.

—Como ele é, este homem de sonhos?

—Ele se chama Co Norr. —Ela tropeçou como nome estranho quando ela disse isto em voz alta a primeira vez. —Sua pele é pálida como pão antes de ser cozinhado. Seu cabelo é o marrom como crinas de cavalo e seus olhos são azuis como o céu.

Mahasset acendeu seu cachimbo com um carvão do fogo.

—Ele soa muito estranho e feio. Por que você iria querer uma criatura tão estranha?

—Ele não é estranho em tudo. Nem é feio. Quando nós estamos juntos, nossos corações são um. Eu ouço o que ele diz em minha mente. —ela bateu em seu peito. —Sem falar.

Mahasset bufou.

—Luxúria jovem. Eu lembro disto. Pode levar a morte algumas vezes.

Aiyana lembrou do irmão de Mahasset e da história do triângulo amoroso e da traição seguida pela matança.

—Isto é mais que um desejo do corpo. —ela firmemente disse. —Connor e eu temos um laço especial. Se nós pudéssemos nos encontrar no mundo real, eu sei que nós teríamos muita felicidade juntos.

O homem velho sorriu indulgente, mostrando os buracos de seus dentes.

—Um sonho bonito. Muito bem, eu ajudarei você trazer seu desejo para nosso tempo. Tempo dirá se for tudo você esperou. —Sem outra palavra ele se levantou e começou a se mover em torno da cabana pegando coisas.

Aiyana assistiu ele, notando o que ele juntou no caso de que ela precisasse reproduzir a magia que ele fizesse.

Mas Mahasset só trouxe um pouco de sálvia, alecrim e lavanda secos e um pedaço de osso para o fogo. Ele se abaixou para o chão com um grunhido, seus joelhos rangendo e estalando quando ele se agachou perto das chamas. Murmurando sob sua respiração, ele lançou as ervas no fogo e esfregou o pedaço de osso com sua mão velha nodosa. Ele começou a cantar, sua voz tremula subindo e caindo, ele fechou seus olhos e fez uma oração para o mundo espiritual, fazendo o pedido de Aiyana.

A pequena cabana estava repleta de fumaça e de um aroma de doce. A fumaça dançava pelo ar, fazendo os olhos de Aiyana arderem. Ela piscou, sentindo-se de repente incrivelmente sonolenta. Era estranho porque ela já havia usado essa combinação de ervas antes e nunca tinha sentido essa sonolência.

A luz ficou cada vez mais escura, a fumaça mais espessa, mais negra, e Aiyana viu formas se moverem na fumaça nublada. Os seres sem definição ou forma flutuavam ao redor dela. Ela podia sentir a presença delas e soube que eles eram espíritos dos mortos.

Mahasset esfregou o osso amarelado e cantava.

—Você nos honra com sua presença. Por favor, grande espírito, eu imploro um favor. No mundo de luz transparente caminha um homem. Mostre este homem para nós agora. —Ele interrompeu seu pedido para dizer para Aiyana. —Agora imagine ele. Encha sua mente com sua imagem e mostre a isto para eles.

Aiyana obedeceu, fechando seus olhos e se concentrando mais do que ela já havia feito na vida. Uma imagem detalhada de Connor apareceu em sua mente. Ela enfocou mais profundamente, movendo-se além do físico para a essência do homem, tentando mostrar o que ela sabia de seu espírito. Nada aconteceu.

Goticulas de suor em surgiram em sua sobancelha. A sala parecia insuportavelmente quente e a fumaça sufocante, mas ela não deixaria a imagem de Connor. Ela continuou a pensar na imagem dele, enquanto Mahasset orava sem parar sem parar.

* * * *

—Surpreendente! —Raimer exclamou quando Connor terminou de relatar sua história, omitindo os detalhes sexuais, mas dizendo achar que Aiyana que pertence a uma tibo perto do rio de Hudson. —Você sonhou com sua esposa dando sua bênção a vocês. Você percebe o significado do lugar onde você conversou com Helen?

—Croton? —Connor encolheu os ombros.

—Croton Point tem sido uma mina de ouro meus aonde foram encontrados artefatos arqueológicos de nativos americanos. Uma aldeia existia nas escavações dos planalto acima do rio e nessa área existia um cemitério que ficava ao leste da aldeia. Eu penso que Helen pode ter estado mostrando a você que esta mulher do sonho é real ou foi uma vez.

—Ótimo. Então, o que isso quer dizer? Já que eu só posso encontrá-la em minha mente.

—Você *quer* encontrá-la na vida real? —Raimer empurrou seus óculos em cima seu nariz e perscrutou com o olhar Connor. —Ou você quer tentar colocar seu espírito para descansar?

—Isto não é uma assombração. Ou, talvez seja. Este fantasma não está procurando por descanso. Eu não acho. —ele adicionou, de repente incerto sobre que Aiyana queria dele. Talvez ela tenha sido desapontada durante sua vida e ele estava cumprindo alguma pendência com ela. Talvez ela precisou ser exorcizada ou libertada para descansar.

—Não. —Raimer falou. —Isto não parece seguir o modelo clássico. —Ele se sentou atrás de sua escrivaninha, dedos apoiados debaixo de seu queixo, suas sobrancelhas pesadas e escuras desenhadas juntas. —Pelo que você está me dizendo, você pode estar sendo assombrando Aiyana tanto quanto ela é assombrada por você. Este é o evento psíquico mais incomum que eu já tomei conhecimento.

Connor olhou fixamente para o pequeno homem de camisa polo e calça de poliéster. Harold Raimer era um salvador improvável e até agora não parecia estar oferecendo nenhum conselho útil.

Ele olhou para Connor com olhos inquisitivos.

—Você quer os sonhos acabem para você poder voltar a ter uma vida 'normal?' —O homem realmente fez aspas com os dedos em torno da palavra normal.

—Eu... —Connor de repente percebeu que ele não queria. A idéia de nunca mais ver Aiyana novamente era inconcebível. —Não. —ele disse. —Mas eu não posso continuar a viver em sonhos, vivendo a noite e vagando durante o dia. Algo tem que mudar.

Raimer movimentou a cabeça.

—Eu tenho uma idéia. Como eu disse, eu nunca lidei com qualquer coisa como isto antes. Eu certamente não posso prometer trazer sua namorada ao mundo físico, mas eu gostaria de tentar alcançar Aiyana colocando você em transe.

—Hipnose?

—Sim.

Connor não estava confortável com a ideia de se pôr nas mãos de um estranho. A hipnose sempre o fazia lembrar de uma assembleia na escola há muito tempo quando um garoto chamado George Willis o fez dançar como uma galinha sob influência de um hipnotizador. Connor não gostava de perder controle. Mas com estes sonhos, ele já estava fora de controle. Ele pediu a Raimer ajuda e devia provavelmente.

—Eu posso filmar tudo assim você um terá registro de exatamente tudo o que acontecer. —Raimer ofereceu.

—O que você pensa que vai acontecer? —Connor perguntou, batendo seus dedos nos braços da cadeira.

—Eu não tenho absolutamente nenhuma idéia do que esperar. Eu guiarei você pelo processo e você dirá a mim o que você experimenta enquanto você está hipnotizado.

—Se ele for parecido com qualquer um dos sonhos que eu tenho tido, eu não estou certo que eu quero compartilhar. Os sonhos são muito pessoais, e muito eróticos.

—Eu não estou aqui para julgar ou me divertir. —Raimer disse. —Eu sou um cientista.

Sem um grau ou qualquer documentação válidos. Connor pensou.

—Certo. Quando você quer fazer isto?

—Eu estou livre agora mesmo e animado para descobrir isso funciona.

—Agora mesmo?

—Nenhum tempo melhor do que o presente. —Raimer subiu, diminuiu a luz, e instalar uma filmadora antiga em um tripé. Ele conduziu Connor para um sofá no quarto e sentado ao lado dele com uma lanterna.

Conner deitou de costas, com suas mãos dobradas acima de seu estômago, sentindo qualquer coisa menos relaxado quando Raimer apontou a luz da lanterna em seus olhos.

—Se concentre na luz e escute minha voz. —Raimer foi dizendo uma série de comandos, dizendo Connor para relaxar partes do corpo diferente começando por seus pés e subindo em direção a sua cabeça.

Connor que estava tenso sentiu a energia passar por seu braço direito e então para o esquerdo, ele ainda duvidava que podia ser posto sob hipnose, embora a voz de Raimer pedindo para ele para relaxar fosse realmente muito calmante. De repente seu corpo pareceu pesado, tão pesado que ele não podia erguer seu braço. Seu último pensamento foi, *Huh. Então isto é como ser hipnotizado.*

Capítulo Cinco

Aiyana percebeu que ela estava em um transe quando sua consciência saiu de seu corpo. Ela olhou ao redor da cabana de Mahasset, olhando em todas as direções de uma vez, então ela olhou mais alto, para o teto até que ela poder visualizar a terra fora da cabana, o bosque espesso e os prados abertos. Ela viu sua aldeia próxima ao rio caudaloso e grande e o mundo além disto, estendo em sombras surpreendentes de verdes e azuis.

A Terra brilhava com gotas faiscantes de luz, todas as coisas foram delineados em cores brilhantes, incluindo a miríade de pessoas que andam pelo mundo. Cada um deles era um vivos ser de luz, Aiyana os achava tão bonitos que poderia ter sido distraída por alguns minutos ou milhares de anos simplesmente assistindo esse espetáculo, ele relaxou assistindo esse jogo de luz e sombra que estava além do plano físico.

Mas ela enfocou sua mente em procurar por Connor. Ela nunca teve que o achar antes. Eles simplesmente tinham sido colocados juntos em seus sonhos sem esforço. Agora ela ansiava por ele e lançou seus olhos e seus sentidos através do tempo e do espaço tentando o localizar.

Ela o convocou de bem no fundo, não com o nome que ele deu a ela, mas com uma coisa bem mais especial que ela queria dizer para todas as pessoas no mundo ao longo de todo o tempo.

Afinal ela sentiu seu espírito e seguiu uma linha prateada de força vital que era como uma diretriz que a guiou através da caverna escuro diretamente até ele. O tempo e a distância não fazia diferença neste grande nulo que parecia absurdo pensar em termos de passado, presente ou futuro. O que realmente importava era que ela se conectou com ele em um lugar onde ele ocupava seu corpo físico, um lugar onde ele via como o presente.

Connor estava deitado em uma espécie de cama em um quarto estranho com muitos objetos que ela não reconheceu e não conseguia imaginar o seu uso. Seus olhos estavam fechados e seu corpo relaxado. Um homem com um objeto estranho em seu nariz estava sentado perto e falando com ele.

Embora o homem falasse em um idioma estrangeiro, Aiyana entendia o significado de suas palavras. Ele falava devagar e ternamente, pondo Connor em um transe como Mahasset havia feito com ela. Um brilho azul pulsou ao redor do corpo de Connor, e uma luz cor de rosa brilhou ao redor do outro homem. Ela assistia o suave radiar de cores e ficou esperando Connor notar que ela estava ao lado dele.

Não levou muito tempo. Com seu olho espirituais aberto ele registrou sua presença.

—Aiyana!

Ele levantou do sofá e veio em direção a ela, deixando seu corpo para trás.

—Você está aqui.

—E você está lá. —Ela apontou para seu corpo físico.

Connor girou para olhar.

—Jesus. Eu estou. Isto significa que eu estou morto?

O homem de cabelo escuro com os discos de luz, clareando seus olhos e inclinado para frente tocou o braço de Connor.

—Você ainda pode ainda me ouvir?

A boca Conner se movia em seu corpo físico, mas as palavras estavam vindo do homem espiritual ao lado dela.

—Sim. Eu sou fora de meu corpo. Eu posso me ver, ver você e o quarto. Aiyana está aqui comigo.

Connor a abraçou e sua aura azul se mesclou com seu pálido verde. Aiyana achou divertido ver a essência de Connor enroscando ao redor da sua. Quando seus corpos se moldaram neste espaço, não estava em um espaço sólido como em seus sonhos. Mas sem seus corpos para distraí-los, sua conexão parecia mais funda do que nunca.

—Pergunte a ela o que ela quer! —o homem disse.

Connor girou para Aiyana com olhos de interrogatório.

—Eu quero você. —ela disse a ele. —Eu, também, viajei pelo mundo espiritual com a ajuda de magia para achar você e levar você comigo em forma de carne e osso. —Ela apontou para linha de sua força vital que levava de volta ao seu corpo na cabana de Mahasset.

Não percorreram nenhum caminho agora. Eles estavam imediatamente na cabana. Aiyana havia conseguido viajar pelo tempo, isso não era sobre tempo ou espaço, mas sim sobre concentração e desejo.

—Meu Deus, o que é você? —Connor disse.

O corpo da Aiyana estava deitado no chão perto do fogo e do homem mágico. Um homem velho calado estava sentado com seus olhos fechados e com seus lábios se movendo sem sair som. De repente ele falou em voz alta.

—Filha, você já cruzou o mundo espiritual?

—Sim. Eu estou aqui. Connor está comigo. —Era estranho ver o movimento de seus lábios físicos enquanto sua essência estava separada do corpo. Ela se sentia como uma criança brincando com sua boneca, fazendo movimentos e brincado de conversar.

O homem velho movimentado a cabeça.

—Este homem deseja ficar aqui?

Aiyana olhou para o espírito bonito ao lado dela.

—Mahasset pode nos ajudar. Ele diz que pode trazer seu corpo para o nosso mundo assim nós podemos ficar juntos. —Até enquanto ela dizia as palavras, ela sentiu a dúvida que irradiava de Connor.

—Como?

—Eu não sei. Mahasset é um homem poderoso. Ele sabe as artes secretas.

—Mas... —Connor olhou de volta para seu próprio corpo, deitando imóvel em outro lugar e em outro tempo. —Eu pensei que você poderia vir comigo para meu mundo.

—Oh. —Aiyana não tinha considerado aquela possibilidade. Sua visão tinha sido clara e simples, conseguir trazer o homem de seus olhos para sua vida. Ela não pensou sobre nele como real suficiente para ter um plano seu próprio. A ideia de deixar sua tribo, sua aprendizagem como um curandeira, deixar tudo inclusive sua família eram inconcebíveis. —Para sempre?

—Eu não sei se isso pode ser feito. —Connor disse. —Mas eu tenho um pressentimento de que se qualquer um de nós dois cruzar para o mundo do outro que será permanente.

—Eu tenho obrigações. —Seu espírito estremeceu e sua luz enfraqueceu com seu medo à medida que ela imaginou ter que dar um passo tão grande como deixar sua vida para trás. —Eu estou treinando para tomar o lugar de Hausis como curandeira em nossa tribo. Ela é velha e sua saúde está declinando. Eu não posso simplesmente deixar minhas responsabilidades.

Com uma carranca Connor disse:

—Você podia ser uma curandeira em meu tempo. A medicina herbária é ainda usada, e a vida é um pouco mais fácil lá. Você verá e fará coisas que você nem pode imaginar.

Ela não sabia como responder. Uma parte dela estava intrigada pela idéia de ver um mundo novo, mas ela tinha muito medo. Era um sacrifício enorme o que ele estava pedindo a ela.

—Connor, fale comigo. —O homem rechonchudo sentando ao lado do corpo inconsciente de Connor tocava seu braço. —Você está ainda lá? O que está acontecendo?

—Uma discussão. —Connor respondeu brevemente. Ele acariciou com as costas das mãos o rosto de Aiyana, arrastando correntes azuis que se misturava a suas correntes verdes. —Eu poderia me oferecer para ficar em seu mundo, mas o que eu faria lá? Você deve entender que eu não posso viver em seu mundo. Eu não sei pescar, caçar e nem fazer coisas de couro. Aquela vida é muito primitiva para que eu sobreviva. —Ele suavemente falou. —Além disso, podia você imaginar reação da sua tribo a alguém estrangeiro e diferente como eu? Como você iria explicar minha presença, minha chegada de nenhum lugar e que estivesse vivendo com você lá?

Aiyana estava brava porque ele era certo. Por mais que ela o amasse e o quisesse, com ela não haveria lugar para ele em seu mundo. Ela ainda estava brava, quando falou nitidamente e sua aura relampejou pela floresta escura com clarões dourados.

—Você não está disposto a partir sua vida, mas você espera que eu abandone minha? É impossível.

Por um momento, ambos ficaram mudos, em um impasse. Connor alcançou uma mão como se para repelir sua decisão.

—Por favor, não negue a você pelo menos a possibilidade de pensar sobre isto? Uma dor atravessou seu estômago.

—Eu? —Ela o desafiou. Frustração e tristeza estampavam o rosto de Connor. Ele gesticulou para mostrar, o mundo bonito ao redor deles. —Nós podíamos nos encontrar no meio e ficar aqui, incorpóreos. É um lugar divino. Talvez seja o Céu.

Aiyana olhou ao redor. Eles não estavam mais em seu mundo ou no dela eles estavam flutuando na imensidão de todos lugares. Seus corpos humanos pareciam longe. Já ela começava a esquecer das coisas em que ela era tão apegada. Eles podiam existir aqui nesta terra maravilhosa juntos... Bem, se não para sempre por quanto tempo essa dimensão existisse.

—Mas nós ainda acabaríamos lá. —Ela voltou a olhar para Connor que ainda está brilhantemente azul, seus olhos eram como estrelas em seu corpo sobrenatural. —Nós temos vidas para terminar antes disto. —Ela estendeu seu braço para incluir o espaço infinito ao redor deles.

Ele movimentou a cabeça, entendendo seu pensamento calado. Os pensamentos voaram de um lado para outro entre eles rapidamente, a uma velocidade que só palavras não pronunciadas podiam ter.

Não é? E se? Talvez eu? Eu desejo que ousasse. Mas não existia nenhuma solução para esse problema.

—Eu acho que nós só poderemos continuar a nos ver com antes em nossos sonhos. —A dor de perda que passou do espírito de Connor para o dela era profunda quanto a lama do rio.

Se não estavam dispostos a deixar uma vida para trás, não existia nenhum outro lugar para eles ficarem juntos, e enquanto os sonhos eram maravilhosos e cumpriam sua missão, eles não eram a vida real.

—Eu acho que nós temos que colocar um fim nisso. —Aiyana disse. —O que nós temos não é uma vida juntos. Nós não podemos continuar a viver assim, juntos só quando estamos dormindo. Nós devemos pedir aos deuses, quem quer que eles sejam, que levem este presente, que não compartilhem as noites mais.

Connor não protestou ou discutiu. Ao invés, disso ele movimentou lentamente a cabeça. Sua aura azul claro tinha escurecido para um índigo mais forte, e seus olhos brilhantes ficaram escurecidos com um véu de tristeza uma vez mais. Com uma dor profunda se soltou e ele deixou seu espírito se mover para longe dela.

Aiyana sentiu que se separava de Connor, seguindo a linha fina que a conectava a seu corpo sólido. Ela viu a forma azul de Connor deslizando pela imensidade para se tornar um ponto brilhante em algum lugar ao longe no futuro. Ele se foi.

O peso de seu desespero bateu em seu corpo. A sensação de peso a estava sufocando depois da liberdade de sua viagem astral. Ela sentia que estava sufocando.

Seus olhos se abriram e ela se sentou com um suspiro, puxando uma respiração profunda de sábio e lavanda que invadiam seus pulmões.

Mahasset se sentou com as pernas cruzadas perto do fogo, e encarou com seus olhos intensos.

—Bem, filha, você encontrou alguma sabedoria? O amor é dor e despedida. É bom que seu aprendeu essa lição tão jovem. Agora talvez você possa embarcar em com sua vida sem desastrosas expectativas.

Aiyana olhou fixamente para o homem duro e velho. Seu corpo inteiro doía com a tristeza de sua alma. Ela se levantou do chão e seus sentiu seus membros espessos e pesados, seu corpo estava desajeitado.

Ela se curvou para Mahasset.

—Obrigado, avô, por me ajudar em minha busca.

Ele reacendeu seu cachimbo, tragando duro para reavivar as brasas fazendo-as queimar novamente, e olhou fixamente para o fogo novamente, despedindo-se dela com seu silêncio.

Aiyana saiu para o ar fresco, carregado com a umidade após a chuva. Enquanto ela caminhava em direção à aldeia, seus pensamentos voltaram para Connor e a escolha que eles fizeram. Ela não tinha nenhuma dúvida que ela hoje à noite ela dormiria sem sonhos, mas ela sabia que não seria um sono tranquilo. Visões de uma vida solitária e vazia se descortinava a frente dela, ela já lamentava sua decisão, mas seu coração disse a ela que era muito tarde para voltar atrás. Ela viveria a vida que ela escolheu.

Quando Harold Raimer estalou seus dedos, os olhos de Connor se abriram. Ele não estava completamente consciente ainda e não havia esquecido nada de sua experiência no mundo astral. Ele lembrava de Aiyana, de sua aura verde claro brilhando como uma folha de primavera, leve e etérea em seus braços, mas não estariam lá novamente. A sensação de suas essências se conectando sempre que eles se tocavam ficou gravada em sua mente muito fortemente, ele sentia que nunca mais esqueceria.

—Pensei que eu havia perdido você lá por um minuto. —Raimer removeu seus óculos e esfregou um ponto acima de seu nariz antes de colocar eles de volta. —Você não respondia minhas perguntas mais e não saiu do transe quando eu tentei. O que aconteceu?

Connor se sentia como um manequim, duro e sem vida. Como podia querer que ele formasse palavras? Ele suspirou profundamente.

—Eu a vi. Ela tinha um curandeiro para ajudá-la a se manifestar, ou seja lá o que for que você chamaria isto, em seu tempo. Ela queria que eu fosse viver lá. E eu queria que ela viesse pra cá. —Ele pausou um momento respirou fundo e disse: —Como você pode ver, ela não está aqui e eu ainda estou.

—Será que era um sonho mútuo?

—Eu acho que acabou. Nós concordamos, e eu acredito que o poder que nos amaldiçoou com esta louca relação deve parar agora que nós concordamos em desistir.

Raimer se sentou de volta em sua cadeira. O camisa polo se amontou em cima de seu estômago robusto.

—*Um pássaro pode amar um peixe, mas onde eles farão uma casa?* —Ele citou. Connor piscou. —Essa é uma das frases favoritas de minha mãe. Minha irmã namorou um sujeito negro e meus pais não ficaram muito emocionados. Mas, você sabe o que aconteceu? Ele é meu cunhado agora. A família se acostumou.

—Isto é bom. Eu deveria aplicar isso a esta situação de alguma maneira?

Raimer encolheu os ombros.

—Eu não sei. O ponto é que o amor sempre acha um modo, ou é isso que dizem. —Ele pausou. —Desculpe eu não posso fazer mais nada para ajudar você.

Connor se sentou lentamente, sentindo todas as células de seu corpo pesadas.

—Só ter alguém para conversar sobre isto já foi de uma grande ajuda. Obrigado.

—De nada. Era um caso fascinante.

Connor retirou seu talão de cheque, mas Raimer não aceitou pagamento.

—Só me conte se mais alguma coisa acontecer. Você estaria disposto a assinar uma autorização para que eu possa incluir seu caso no artigo que eu estou escrevendo para o *Diário da Parapsicologia*?

—Certo, por que não? —O que isso importa? Pelo menos alguém poderia lucrar com sua experiência. Connor não ganhou nada além de uma memória agri-doce para levar com ele pelos anos sozinhos que ele iria viver. Ele agora tinha dois amores perdidos para assombrá-lo.

Ele voltou para seu escritório porque ele não conseguia aguentar o pensamento de ir para casa, provavelmente ele iria se embriagar e enfrentar um sono inquieto com sonhos sem sentido. Havia sempre muita coisa a ser feita no escritório. Foi o trabalho que o salvou depois que Helen morreu, dando algum propósito a sua existência.

Ele iria se dedicar novamente ao seu trabalho e com o tempo ele esqueceria o rosto de Aiyana, seus olhos luminosos, seu lábios, seu cheiro de terra, seu corpo suave e macio e sua alma doce.

Se ele trabalhasse duro o suficiente, ele poderia apagar todas as suas memórias e talvez até convencer a ele mesmo que esses sonhos nunca aconteceram.

Capítulo Seis

—Não empurre ainda, Majesi. Não está na hora. —Aiyana ordenou.

—Eu preciso! —Majesi disse por entre os dentes friccionados.

—Logo. Só pense em sua respiração agora. Dentro. Fora. —Aiyana passou o unguento ao longo da abertura de Majesi para ajudar a esticar para acomodar a cabeça do bebê sem rasgar. A sombra escura de sua cabeça apareceu e o pulso de Aiyana se acelerou. Este era seu primeiro parto sozinha. Hausis não estava nem perto o suficiente para ser chamada, e como o parto se aproximava, Aiyana tinha medo de uma complicação.

—Certo. Agora você pode empurrar.

Depois de vários minutos de esforço e grunhir, Majesi deu um grito sobrenatural e deu a luz a seu bebê. Aiyana pegou a criatura escorregadia, vermelha, amarrrou o cordão umbilical em torno do braço do bebê e o amarrrou. Ela cortou o cordão e apresentou o pequeno menino para Majesi.

—Ai, ele é perfeito. Tão perfeito. —Majesi suspirou, enquanto sua mãe, Helaku, se inclinava e examinava seu primeiro neto.

Enquanto ela massageava o abdômen de sua amiga para estimular expulsão da placenta, Aiyana viu algumas pessoas exultando acima da criança. Seu coração inchado com satisfação e alegria. Ela tomou a decisão certa em ficar onde ela era necessária. Não importava que tarde da noite ela acordasse suada e doída sentindo a falta do toque de seu amante. Um momento como este fazia valer a pena o sacrifício.

Depois de remover a placenta e de ter limpo Majesi e o bebê, Aiyana finalmente teve um momento para apreciar o recém-nascido. Ela abaixou ao lado da jovem mãe e examinou os dedos dos pé minúsculos e olhou para a criança com tanto orgulho como se ela fosse dela mesma.

Majesi não podia parar de sorrir.

—Aiyana, obrigado. Você sabe quanto eu temi a dor, mas com sua ajuda, realmente não foi tão ruim.

Aiyana riu. Sua amiga gritou e amaldiçoou as contrações a tarde inteira. Como depressa uma nova mãe esqueceu a dor pela alegria de segurar a criança em seus braços.

—Nós devemos encontrar um marido para você, Aiyana. —Majesi disse. —Eu quero que você seja tão feliz quanto eu sou. Asku tem um primo depois do rio. Nós apresentaremos você para ele. Ele é um homem bom.

Aiyana foi salva de ter que responder pela entrada do pai orgulhoso, Askuwhetu. Ela deixou a família feliz com sua celebração e caminhou de volta para a cabana de Hausis.

A mulher mais velha sofria de reumatismo e podia apenas mancar em torno do casa. Quando Aiyana entrou na habitação, ela deitou esticando seus pés próximos aos carvões quentes perto do fogo. Depois de fazer para sua mentora uma xícara de chá, Aiyana massageou as articulações inchadas dela, seu joelhos, tornozelos e cotovelos com poejo. Embora seu toque fosse gentil, Hausis reclamou da pressão.

—Seja mais cuidadosa, filha.

Aiyana pegou as mãos nodosas da mulher, concentrando-se na cura e na energia que fluem de sua mão para Hausis. Ela pensou sobre o nascimento e agradeceu aos Deuses por tudo ter acontecido suavemente. Pensando no quadro da vida de Majesi agora com o bebê, ela se perguntou se um dia teria sua própria família. Aiyana tentou imaginar o que uma combinação de seu espírito e de Connor produziria? Iria seu bebê tem olhos azuis e pele clara de Connor ou a cor morena da dela, seria as suas características que dominariam?

—O que é isto, menina? —Hausis agarrou queixo de Aiyana e olhou em seu rosto. —Algo tem estado aborrecendo você por semanas. Eu não desejo ver seu rosto choroso mais. Isso arruína minha digestão. O que está deixando você infeliz?

—Nada. Não é nada, Vovó. —Ela se repreendia por insistir em querer algo que nunca poderia ter e em sonhar com isso só causaria mais dor.

—Você mudou de idéia sobre aprender a arte? Se for esse o caso, diga a mim assim eu poderei achar outro aprendiz.

—Não. —Aiyana tomou a mão de Hausis e acariciou a pele suave. —Eu amo ser uma curandeira. Foi maravilhoso poder ajudar Majesi ganhar a sua criança hoje.

—Um homem. —Hausis disse com autoridade. —É sempre um homem que causa uma cara como esta.

Aiyana desviou o olhar.

—Ha! Eu sabia. Quem é ele? É aquele Nahamesh?

—Não. Não é ninguém de nossa aldeia. —Ela devia ter dito que não era ninguém mesmo, mas achou impossível mentir para Hausis.

—Quem então? Vamos, criança. Eu posso ver você esta desesperada para conversar.

Era verdade. O segredo vinha queimado nela por semanas e ela só poderia compartilhá-lo com Mahasset, que não era uma ouvinte das mais simpáticas.

Ela abriu sua boca e contou tudo desde os sonhos com o amante até o último contato. Quando ela terminou de explicar, ela olhou para Hausis, com medo da desaprovação que ela poderia ver nos olhos da mulher mais velha. Mas seus olhos nublados não deram a nenhuma dica.

—Então você foi procurar aquele charlatão do Mahasset em vez de vir a mim, sua professora? Hmph.

Aiyana quase sorriu. Em vez de expressar assombro ou desacreditá-la, Hausis estava com ciúme.

—Eu sinto muito. Eu não pensei que você quieria me ajudar ou iria, até que seria capaz.

Hausis fez barulho como se para lhe ridicularizar.

—Você acha que aquele homem velho sabe mais que eu? Qualquer coisa que ele pode fazer, eu posso fazer melhor. A pergunta é, você ainda quer seu estranho homem branco? Você fez a escolha certa em ficar aqui ou você desejaria ter ido com ele?

—Eu não sei. —Lágrimas ardiam em seus olhos. —Eu amei todos os momentos que nós passamos juntos, mas eu tenho minhas obrigações com as pessoas daqui.

—Criança, o que faz você pensar que é a única pessoa nesta aldeia que eu posso treinar para tomar meu lugar? —O tom de Hausis era como uma erva seca. —Essa vaidade! Existem várias meninas e ou meninos que tem potencial e pode ser treinado para curar. Não deixe seu amor escapar porque você pensa que você é insubstituível. Os deuses ofereceram a você um presente maravilhoso e de uma maneira espantosa e você recusa isso? Que tolice!

Aiyana alisou as dobras de seu vestido.

—A verdade é, Avó, existe outra razão para eu ter escolhido ficar. Eu estava apavorada por deixar aqui e ir para um mundo estranho, até mesmo com o homem eu amo. Seria como a morte e cruzar para o outro lado, nunca mais ver minha família novamente.

—A sombra da morte chega mais perto de mim todo dia. —Hausis disse. —Mas quando meu tempo chegar, eu caminharei pela porta com minha cabeça levantada, ávida por ver algo novo.

Aiyana se sentou quietamente considerando suas palavras. Apesar de Hausis, ser irritante às vezes ela oferecia sua sabedoria verdadeira. O desafio e aventura de um novo mundo, um novo estilo de vida completamente estranho, a excitava. E Connor estaria com ela. O que a segurava?

Impaciente com seu silêncio, Hausis falou:

—Menina, você quer o homem ou não?

A pergunta direta a surpreendeu e fez dar uma resposta imediata de Aiyana.

—Eu quero. —A verdade só foi registrada depois que as palavras saíram de sua boca. *Eu realmente quero.* —Mas, Hausis, já faz algum tempo que ele não aparece em meus sonhos. Eu não sei se será possível para mim alcançá-lo novamente.

—Nós descobriremos. Acenda o fogo e junte as ervas que Mahasset usou. Se aquela velha doninha pode usar transporte mágico, eu posso fazer isto também.

Aiyana fez o que ela pediu e logo uma névoa de fumaça cheirosa encheu o quarto. Hausis cantou, não exatamente as mesmas palavras que Mahasset, mas semelhante suficiente. Aiyana se sentiu entrando no mesmo estado de entorpecimento. Era mais fácil agora por que ela soube o que sentiria quando se separasse de seu corpo. Diminuindo a velocidade de sua respiração, ela soltou os fios que a prendia ao seu físico. Depois de um tempo, sua consciência se moveu saiu fora de seu corpo. Fixando sua atenção externa, ela procurar com afino espírito do Connor no oceano enorme de luz e entre a miríade de luz das almas. Finalmente, ela localizou sua essência e foi em direção a ele.

Ela viu sua forma física revestida com seu espírito que ela se encontrou neste plano. Vendo-o depois de tantas semanas de ausência, seu coração inchou com alegria, e por um momento ela olhou para sua forma amada, familiar, ela soube com certeza absoluta que ela ficaria com ele se tivesse outra chance.

Mas Connor não percebia a sua presença. Ela pairou perto dele, mas não conseguiu chamar sua atenção nem mesmo quando ela falou com ele. Ele estava em seu mundo desperto e tudo que ela podia fazer era assistir enquanto ele se movia em sua casa.

Os quartos eram enormes e brilhantemente iluminou, os chãos coberto com suave matizes em várias cores, as paredes refletindo as mesmas cores pálidas. Em vez de almofadas e tapetes, existiam objetos cobertos em pano, que ela imaginou era para se sentar.

Era todos tão estranho e interessante, que ela ficou tão fascinada pelo ambiente exótico, que Aiyana quase esqueceu que seu propósito aqui era tentar alcançar Connor.

Como se estivesse em câmera lenta, ele tirou de suas roupas. Ele caminhou para um quarto menor e girou um botão. Água saía da parede. Ele andou debaixo da água que saía fumaça, deixando a água escorrer por sua brilhante pele.

Seu corpo subitamente ficou quente e ela desejou poder estar debaixo daquela cachoeira com ele, deslizando suas mãos por aqueles músculos duros e carne molhada. De repente ela percebeu que ela podia fazer isto. Connor não poderia ser capaz de ver ou ouvi-la, mas talvez ele pudesse sentir sua presença se ela estivesse muito próxima dele e se fixando nele com todas as suas forças, talvez ela poderia se fazer sentir.

Ela se moveu para debaixo da água, ela escorria e passava direto por sua pele, e permaneceu ao lado dele. As vibrações dele zumbiam ao lado das suas, como um calor por falta de uma palavra melhor para descrever a sensação. Ela esfregou suas mãos brilhantes astral pulsando junto com a azul dele e eles se misturavam e ficaram juntos por um momento.

Sinta-me. Sinta-me. Perceba-me

Connor parou de ensaboar seu corpo. Ele congelou como um cachorro farejando um coelho. E de repente ele disse seu nome suavemente:

—Aiyana?

—*Sim! Eu estou aqui.*

Seu peito subia e descia. A água batia contra suas costas e deslizando por sua sua pele. Seus olhos estavam bem abertos quando ele procurou em volta. Ansiava por ele, seu coração estava acelerado e sua aura brilhava com esperança. Mas ele balançou sua cabeça, amaldiçoando, e esfregou uma esponja acima de seu estômago.

Frustrada por sua inabilidade para alcançá-lo, Aiyana recuou e continuou assistindo de longe enquanto ele se enxaguou, se secou e se vestiu com seus artigos de vestuário estranhos. Ela era como um fantasma para ele agora. Talvez fosse muito tarde. O momento quando eles poderiam ter passado de mundo para o outro talvez havia passado. Ela tinha deixado o sonho escapar. Mas não sem fazer mais uma tentativa.

—*Connor! Olhe pra mim. Eu estou aqui mesmo. Eu preciso falar com você.*

—*Desta vez ele nem olhou pra cima enquanto amarrava os cadarços de seus sapatos pretos.*

Um som veio do outro quarto. Connor olhou para uma pulseira larga em seu pulso.

—Droga, eu estou atrasado. —ele murmurou para ele mesmo. Ele se levantou e foi abrir a porta da casa. Uma mulher bonita estava do outro lado da porta. Sua pele era mais pálida que do Connor, ela tinha olhos acinzentados como o rio e seu cabelos sedosos eram tão amarelos quanto milho. Ela era alta e graciosa e a energia que cercava ela era branca como uma pérola.

Connor deu a boas-vindas e pegou suas mãos. Ela sorriu e se debruçou para apertar um beijo no ar próximo sua bochecha.

—Eu estou tão contente que nós finalmente nos encontramos. Eu ouvi tanto sobre você que eu sinto como nós já nos conhecêssemos.

—Entre. —Ela entrou na sala e a analisou.

—Sua casa é bonita.

—Obrigado. Eu não fico aqui muito assim eu não tenho tempo para estragar nada.

Seu sorriso era leve e não verdadeiro. Aiyana podia dizer que ela estava nervosa.

—Jan me disse que você é um pouco workaholic.

—Um eufemismo completo. —Connor disse.

Os dentes da mulher eram tão branco quanto neve e faziam contraste com seus lábios escarlates à medida que ela sorriu novamente.

—Bem, nós teremos que tentar mudar isso. Todos trabalhamos, mas temos que ter diversão também...

Não existia nada para não gostar sobre ela, mas seu riso fez Aiyana rosar.

—*Caia fora. Saia!* —Ela empurrou o ombro da mulher de cabelo amarelo. A mulher piscou e sentiu, levando sua mão para tocar o local onde Aiyana a havia empurrado.

—Eu posso oferecer a você uma bebida? —Connor pegou seu casaco quando ela o deslizou para fora de seus ombros.

—Certo, vodka com tônica.

Depois disto, Connor e a mulher conversaram e riram juntos. Ele parecia à vontade com a conversa, e não sofrendo com a perda de Aiyana, enquanto ela sofria com a dele. Seus sonhos compartilhados devem ter sido apenas uma distração para ele e agora ele partiu com sua vida real. A conexão profunda que ela imaginou existir parece que só existiu de sua parte.

Uma última vez, ela passou seus olhos por ele, deleitando-se com sua forma e espírito, seu riso e sua voz. Ela desejou poder sentir seu toque mais uma vez antes dela ir embora.

O quarto retrocedeu quando seu espírito seguiu a linha que levou de volta até seu corpo. Aiyana abriu seus olhos e procurou o rosto de Hausis. Ela voltou para onde pertencia, mas o espaço familiar pareceu diferente quando ela ajustou seus olhos para a diferença que ela visualizou entre o plano astral e mundo físico.

Hausis ficou perto dela, analisando-a com seus olhos.

—Bem, Filha, você o encontrou?

Aiyana estava desorientada e queria que a mulher velha se afastasse. Seu rosto parecia enorme e distorcido. Ela movimentou a cabeça devagar, seu pescoço estava duro e sua cabeça pesava mais que um bloco de pedra.

—Mas eu não consegui tocá-lo. Ele não pode me ver. —Ela soltou um suspiro trêmulo. —E ele encontrou outra pessoa. É muito tarde.

—Ah. —A mulher velha sentou de novo em sua cadeira ao lado do fogo. Por um momento não houve qualquer som além do fogo crepitando e das faíscas.

Não era nenhum som mas o crepitar do fogo e o estalar de faíscas.

—Às vezes... —Hausis disse. —As coisas não são exatamente como elas parecem. Eu não acredito que os Deuses colocariam você e este estranho juntos se não existisse um propósito para isto.

Aiyana subiu ficou de pé, seu corpo estava tão fraco e dolorido quanto a da mulher velha.

—Parece pra mim que muitas coisas neste mundo acontecem sem nenhum propósito. Obrigado por sua ajuda, Hausis. Eu devo ir agora, vou buscar mais água do poço. —Aiyana agarrou uma balde e deixou a sala esfumaçada, incapaz de aguentar as condolências desajeitadas e a simpatia das palavras de Hausis.

Ela caminhou em direção ao rio que fluía eternamente em direção ao oceano. A água estava fria, cinza e inquieta com as correntes escondidas que estavam por baixo da superfície. Ela pensava seu coração era como se ele fosse um rio; continuaria a bombear implacavelmente, batida por batida, enquanto ela caminhava pelos dias de sua vida, mas seria frio e fundo, cheio de segredos que ninguém conheceria.

Aiyana caminhou de volta, com o conhecimento que seu sonho era verdadeiramente além do Tempo.

* * * *

Wes podia odiar tudo o que ele procurava, mas Connor não sairia com Cyndi novamente. Ele fez isto por uma noite e pensou que ele conseguiu ter a um tempo suficientemente agradável: Jantar, filme, bebidas e conversa. Ela era uma mulher agradável, fácil de conversar, bonita para se olhar, mas ele simplesmente não estava interessado. No fim da noite, ele ofertou seu boa noite sem intenção de a ver novamente.

Era depois das duas quando ele chegou em casa, mas Connor não estava com sono embora fosse normal. Ele nunca dormiu muito. Trocou de roupas e colocou uma camiseta manchada de tinta e suor, ele tirou a capa de seu cavalete.

A pintura pareceu raivosa. Cor deslizava através da tela em traços espessos e ondas frenéticas. A superfície mostrava seu desejo e desespero através das sombras negras, cinza, azul, e púrpuras, pontuado por redemoinhos escarlates dramáticos.

Connor olhou fixamente para seu trabalho, tentando decidir se já estava acabado ou não. Não que ele se importasse que fosse bom, não era por isso que ele pintou. Ele estava usando a pintura para lançar suas emoções sobre tela quando ele achou que ficar trabalhando sessenta horas por semana não o mantinha suficientemente distraído.

Aiyana assombrava ele o tempo todo. Sua dor constante por ela era diferente da dor que ele sentiu depois da morte da Helen, mas da mesma maneira era letal. Era a diferença de ter uma pessoa querida tirada dele e de desistir do amor por escolha. Ele nunca devia deixá-la ir. Era como se ele tivesse ganhado um presente especial e, depois de rasgar o papel, jogou tudo fora. Por que não tinha tido uma chance com ela, ainda que ele tivesse que desistir de toda a realidade do século XXI?

Sua vida era tão maravilhosa? Lá realmente existia alguma coisa que ele sentiria falta, qualquer coisa ele não podia viver sem? Bem, talvez cerveja. Ele sorriu sardonicamente quando ele apertou um pouco de tinta branca de um tubo sobre sua palheta e misturou com preto. Ele sentiria falta de cerveja, mas provavelmente os nativos americanos tinham um pouco de algum tipo de bebida fermentada. Deus, ele estava fazendo isto novamente, fantasiando sua vida em uma primitiva aldeia tribal. Ele leu tudo o que ele pode achar sobre as tribos que viveram no Vale do Hudson, e até foi ao museu em Croton olhar artefatos em casos de vidro.

Ele imaginou, ele sentiu uma conexão com Aiyana através dos pedaços de cerâmica e das ferramentas antigas. Ficando em frente a um morteiro de pedra e um pilão, ele o olhou fixamente por quase dez minutos e imaginou ela sentada ao lado de uma fogueira na aldeia, transformando ervas em pó.

O que iria ele, um advogado do século XXI, fazer como marido de uma curandeira? Como podia ele possivelmente se ajustar em seu mundo? Mesmo querendo muito, ele ainda não conseguia ver isso funcionar.

Carregando seu pincel com tinta cinza, Connor atacou a tela com fúria mais uma vez. Ele pintaria até quase amanhecer, exausto cairia na cama e conseguiria algumas horas de sono antes de se levantar e ir para o escritório em um sábado. Isso era sua vida agora, trabalhar, trabalhar, pintar um pouco e depois desfrutar de algumas poucas horas de sono que era muito curto para abrigar quaisquer sonhos.

Capítulo Sete

Aiyana era acordou de seu sono, com uma voz gritando do lado de fora da porta.

—Mulher curandeira, você está em casa?

Hausis não se mexeu, ficou imóvel debaixo do amontoado de coberturas. A mulher velha tinha tido uma noite sofrida em consequência das dores em suas articulações e não precisava ser acordada antes do amanhecer para um emergência. Aiyana levantou e foi para a porta.

Ela não reconheceu a visita matutina.

—Eu venho de Wichachnee depois do rio. —O homem de olhos selvagem disse. —Minha criança está doente. O curandeiro em nossa aldeia tentou de tudo mas minha pequena menina não está melhorando. Minha esposa está morrendo de medo. Ela não pode aguentar perder outra criança.

Aiyana o acenou para ele entrar na cabana.

—Quais são seus sintomas? —Ele descreveu uma febre alta, congestão de tórax e dificuldade para respirar. Quando Aiyana perguntado que métodos o curandeiro da aldeia tinha usando para curar a menina, ela concordou com o que o homem tinha feito. Parecia que o curandeiro fez tudo que podia. Aiyana temeu que simplesmente não existisse esperanças para a menina. Mesmo assim, ela juntou um pouco de seu material e prometeu acompanhar o homem através do rio em sua canoa.

Hausis despertou e levantou da cama para oferecer sugestões e conselho, mas pareceu que Aiyana estava contente entrando seu lugar.

—Confie-me. —ela assegurou o homem chamado Shawsee. —Esta mulher é completamente capaz de ajudar você. Se existe qualquer coisa que pode ser feito, ela fará isto.

Aiyana se aprontou em alguns minutos. Ela se enrolou em sua manta e criou coragem e saiu no vento tempestuoso seguindo Shawsee até a praia. Para subir na canoa, ela caminhou pela água que gelou seus pés apesar do revestimento de couro de seus mocasins.

Shawsee empurrou a canoa fora do abrigo de conchas de ostra e pedregulho esmagado e se lançaram nas ondas. Quando ele subiu na canoa e remou para longe da orla, o barco pequeno rolou e se soltou no vento que chicoteadas as ondas.

Aiyana agarrou os lados do barco. Ela raramente teve razão para sair na água e certamente nunca em um dia quando o rio era tão revoltoso. A canoa cortava a água rapidamente debaixo da propulsão de um pai preocupado com a força de seus braços.

Eles cruzaram a larga expansão do rio e Shawsee guiou a canoa para um desvio. Ele remou rio acima e encontrou um modo de ancorar o barco o mais próximo possível da aldeia de Teconsha.

Depois de sair fora do barco, eles seguiram um caminho que cercava a aldeia. Antes deles até entrarem no portão, era claro que eles haviam chegado muito tarde. Mulheres Keening murmuram e choravam, e os cantos de morte enchiam o ar.

Shawsee gritou e deixou Aiyana de lado, e correu em direção a sua casa. Ela seguiu logo depois dele, sentindo-se inútil e desejando ter tido pelo menos uma chance de tentar ajudar a menina, embora ela achasse não existia nada que ela poderia ter feito para salvá-la.

Ela estava do lado de fora da casa de Shawsee com o resto das mulheres, juntando sua voz ao coro de outras vozes que cantavam para ajudar a alma a passar para o outro lado. Aiyana fechou seus olhos e imaginou o outro mundo cintilante que ela havia visto em suas viagens. Ela soube que a pequena estava em um bom lugar, mas aquele conhecimento não aliviaria o pesar dos pais em perder seu bebê. A separação quando um espírito precisa fazer aquela jornada era sempre dolorosos para aqueles que ficavam para trás.

A tribo continuava mantendo vigília fora da casa da família. Novas pessoas chegavam, outros iam embora. Aiyana partiu para encontrar Kranziuk, a curandeira da aldeia. Ela era uma mulher vigorosa, de meia-idade, que se ressentiu do fato de a menina ter morrido, e também da família ter trazido para dentro da tribo outro curandeiro.

—Eu disse a eles que eu tinha feito tudo que era possível, mas as vezes as pessoas não aceitam o fato de que às vezes é necessário simplesmente esperar a a pessoa cruzar para o mundo espiritual.

Aiyana concordou em um murmúrio. Ela escutou Kranziuk relatar todos os remédios que tentou e concordou que não tinha nada que ela teria feito diferente. O conhecimento disso pareceu confortar a outra mulher, que, debaixo de seu exterior áspero, parecia chateada pela inabilidade de salvar a criança.

Ao longo do dia, Aiyana moveu pela a aldeia, sentindo-se como uma estranha tentando acalmar o pesar das pessoas. A criança do Shawsee tinha sido uma criança amada que encantava todo mundo. A maior parte das famílias eram parentes, então quase todas as pessoas com quem Aiyana conversou era uma tia ou tio da menina morta.

Vários deles eram parentes da Aiyana também, os inter-casamentos eram comuns entre as duas aldeias.

Depois de visitar vários primos e compartilhar uma refeição com eles, Aiyana estava pronta para a viagem de volta para casa. Ela não quis aborrecer Shawsee, e pediu a seu primo, Menowee, ajudá-la a atravessar o rio.

O céu estava cinzento com nuvens passeando continuamente através do céu. O vento forte ficou um pouco mais forte agora, ela conseguia perceber isso através das velas das embarcações e de seu cabelo que se agitava na frente de seu rosto. Ela os colocou atrás de suas orelhas e puxou sua manta mais apertado ao redor dela antes de subir no barco.

—Você tem certeza que quer ir hoje? —Menowee perguntou.

—Sim. Existe um novo bebê em nossa aldeia, e uma mãe se recuperando do parto. Eu quero estar em casa no caso dela precisar de mim.

O jovem homem movimentou a cabeça e afastou-se da costa.

—Eu visitarei família de minha irmã e passarei a noite por que eu acho que a chuva e logo chegará. —Ele remou alguns golpes de um lado e do outro lado do barco, guiando ele pelas águas agitadas em direção à margem ao longe. A travessia estava agora em uma parte rasa, um estreito do rio e abrigado da forte correnteza do fluxo principal. O estômago de Aiyana se agitou com o balanço do barco que se lançava nas ondas; Subindo, descendo e se movendo lateralmente ao mesmo tempo que Menowee o levava para frente.

A chuva começou a cair do céu cinzento e o vento soprava muito mais forte.

Aiyana batia os dentes de frio. Seus pés estavam mergulhados na água gelado que havia invadido a parte inferior do barco e suas mãos molhadas agarravam os lados escorregadios do barco. Quando o barco de repente subiu com uma onda e depois caiu bruscamente, ela lutou para se manter no lugar e não cair no mar.

—Segure-se! —Menowee continuou o remar e ele tentou segurar o barco a esquerda enquanto outra onda os jogava para direita. A canoa flutuava lateralmente. Água espirrou dentro do barco molhando o resto do corpo de Aiyana. Em seguida o barco endireitou e continuou avançando mais uma vez.

Menowee riu de sua reação, e olhando para ela por cima do ombro disse:

—O deus do rio queria nos levar para uma visita hoje.

Aiyana podia dizer que ele estava cobrindo seu medo com um sorriso descuidado. Ela friccionou seus dentes e se amaldiçoou por insistir em sair com tal tempo perigoso.

Sua insistência em ir para casa pôs a ambos risco de perder a vida. Enquanto ela concluía isso, outra onda enorme bateu no barco. O barco se inclinou lateralmente de novo.

Água espirrava nela, molhando seu braço, seu ombro, seu corpo todo, e ela pensou, *vai dar tudo certo. As canoas são feitas para flutuar. Ele conseguirá*, logo antes da canoa virar. Ela mal teve tempo para puxar uma respiração antes de sua cabeça mergulhar na fria e escura água de rio.

* * * *

Connor olhou para o documento que mostrava a divisão de bens dos MacDonald no caso de divórcio. Normalmente ele podia apresentar um acordo pré judicial, mas nesse caso Sinclair e Mariana MacDonald eram teimosos, tinham a intenção de se processar usando todas as armas de seus arsenais para destruir um ao outro. Essa era claramente uma batalha que vinha acontecendo ao longo do casamento todo. Ambos queriam ser o vencedor a qualquer custo. O caso estava trazendo para a firma de Connor, e do outro conselheiro legal, muito dinheiro.

Ele se sentou atrás da mesa para escutar o outro advogado falar sem parar, enquanto sua perna balançava nervosamente. A ansiedade tinha se infiltrado em seu estômago durante tarde toda, e esse nervosismo não tinha nada a ver com a audiência no tribunal. O cabelo atrás de seu pescoço se arrepiou e ele queria levantar de sua cadeira e correr para fora da sala. Para fazer o que, ele não sabia.

—Agora. *Se apresse!* —Seu impulso exigia. O rosto assustado de Aiyana apareceu diante dele, ela estava de olhos arregalados e com a boca aberta em um grito sem som de ajuda.

Connor se mexeu em sua cadeira, ganhando um olhar curioso de seu cliente, o bilionário homem de negócios, Sinclair MacDonald. Enquanto isso, o advogado adversário falava que Mariana MacDonald queria cento e cinquenta mil dólares em compensação pelo abuso sentimental que ela sofreu. Connor acreditava que nenhum dos MacDonalds mereciam qualquer coisa além de um belo bofetão duro e de um período prestando trabalho comunitário. Esse comportamento deteriorado, egoísta o fazia se sentir doente, ou talvez fosse seu aperto no estômago. Connor se sentia nauseado, como se ele estivesse sendo lançado de um lado para o outro em um mar tempestuoso.

Novamente a imagem de Aiyana pedindo ajuda, cabelo molhado, brilhou em sua mente como se fosse um farol. Ele tinha que ir para perto dela. Agora mesmo!

Connor levantou de sua cadeira, levantando uma mão para atrair a atenção do juiz. Rostos surpresos giraram e sua direção quando ele implorava por um recesso, citando uma enfermidade como a causa. Era quase verdade. Ele sentia como se ele pudesse vomitar a qualquer momento, e isso fez ele praticamente correr da sala.

No sanitário público dos homens, ele se sentou em um dos vasos sanitários e descansou seus cotovelos nos joelhos com sua cabeça apoiadas em suas mãos. Fechando seus olhos, ele lutou para trazer a imagem de Aiyana em sua mente. Era a primeira vez que ele tentava se conectar com ela. Nas poucas semanas que se passaram ele tinha lutado para mantê-la fora de sua cabeça.

Ele pegou vislumbres de seu rosto assustado e sentiu as punhaladas afiadas de seu medo. Estas não eram imagens de sua fantasia, eram reais. Ela estava na extremidade de sua consciência que ele podia notar como se fosse um dispositivo eletrônico que se desvanecia dentro e fora. Ele sentia que quase podia alcançá-la, mas ele precisava de ajuda. Ele precisava de Harold Raimer para o colocar sob hipnose novamente.

O que estivesse acontecendo com ela estava acontecendo agora, o que não fazia sentido já que ela vivia no passado, mas ele absolutamente sabia que o momento para vê-la, salvá-la, era agora ou nunca. Fechando seus olhos muito mais apertados, ele telegrafou uma mensagem.

—*Eu estou indo. Eu estarei aí para ajudar você.*

Ele saiu do banheiro, lá esperando estava alguns homens, desviando deles, Connor se pôs a correr pelos corredores do palácio de justiça, recebendo olhares curiosos. Enquanto ele corria, ele ligou para Raimer e disse a ele que ele estava indo, mas não teve nenhuma resposta e ele teve que deixar uma mensagem.

Connor desviou do tráfico e acelerado pelas estradas laterais enquanto ele dirigia através da cidade. Ele estacionado com o pneu no meio-fio e escalou os degraus para chegar até a porta de Raimer onde ele simultaneamente bateu e tocou a campainha.

Raimer apareceu, com os cabelos bagunçados e os olhos arregalados.

—O que é isto?

—Emergência. Eu preciso de você me coloque sob hipnose agora mesmo.

—Eu estou trabalhando com alguém, contactando ele a sua mãe do outro lado.

—Agora! Eu tenho que ajudar Aiyana imediatamente. Já pode ser muito tarde.

Raimer olhou atrás para casa.

—Espere no foyer. Deixe-me terminar com meu cliente.

Vários minutos mais tarde, Connor estava deitado no sofá do Raimer, desesperadamente tentando relaxar e respirar profundamente, mas como entrar um transe quando seu coração está batendo mais rápido do que é humanamente possível.

—Você precisa relaxar ou você não irá lugar nenhum. —Raimer segurou a lanterna, mas o raio hipnótico não estava funcionando. —Feche seus olhos e diga pra mim o que você viu.

—Vi seu rosto, ela está molhada. Gritando. Eu penso talvez que ela esteja se afogando.

—Certo. Aspire e expire muito lentamente. Agora abra seus olhos e se concentre em minha luz. Concentre toda sua atenção naquele ponto. Esqueça tudo mais de sua mente.

Connor seguia os comandos de Raimer atravessando a ladainha de enrijecer e relaxar partes de corpo. Sua respiração foi desacelerando. Seu coração se acalmado. Por consequência ele começou a relaxar, e experimentou a sensação de subir e flutuar a mesma que ele sentiu da última vez que sua consciência se afastou.

Ele teve sua mente lançada ao nada até que ele sentiu a presença de Aiyana. Ela estava chamando por ele. Ele se concentrou, seguindo o chamado, andando por tempo, espaço, distância, e de repente ele estava com ela.

Seu corpo físico agarrado a um tronco que flutuava em um rio. As ondas a açoitavam. A chuva continuava castigando ela e seus braços molhados escorregaram quando ela tentou se segurar melhor no tronco. A cabeça se cobriu de água, então subiu a superfície novamente e ela tossiu cuspidando água.

Um remo passou flutuando, e Connor percebeu que o tronco era na verdade uma primitiva canoa flutuante de cabeça para baixo. O rosto da Aiyana estava pálido, seus dentes batendo e seu cabelo preto grudado na sua cabeça.

Ele podia ver todos os detalhe da cena, ouvir o trovão e sentir o cheiro da água do rio, mas ele não conseguia tocar em Aiyana. Quando ele a alcançou, sua aura azul escuro passou por ela. Como ele poderia a ajudar, se ele nem conseguia tocá-la?

—Eu estou aqui. —ele gritou. —Me espere!

Furioso e frustrado em seu desamparo, Connor enfocou toda a força em trazer seu corpo físico neste tempo, para este lugar. Ele tentou imaginar cada célula e átomo se reunindo ao seu comando e fundindo-se ao redor seu espírito.

O braço da Aiyana escorregou e ela caiu na água, o rio se fechou acima dela. Mais uma vez ela subiu e desceu da superfície e lutou para se recuperar e agarrar novamente a canoa. Seus dedos raspavam no casco áspero.

—*Não desista. Eu ajudarei você.* —Ele a tocou do único modo que ele podia, de espírito para espírito. Sua aura se entrosou com a dela em chinar de calor que ela deveria ser capaz de sentir. —*Nada vai me impedir de chegar até você. Eu amo você.*

Como um atleta que chama a última reserva de energia para cruzar a linha de chegada, Connor juntou todos os pedaços de sua força de vontade e clamou a solidez de sua carne a cobriu com sua energia como se fosse um manto.

De repente, incrivelmente, ele estava na água. E ele estava fodidamente congelando. Uma onda grande quebrou acima de sua cabeça e Connor saiu dela tossindo e espirrando.

Ele movimentou suas pernas e seus braços para se manter flutuante, batendo contra os membros e o corpo de Aiyana. Sua cabeça tombou de lado. Suas mãos deslizadas do barco novamente e ela caiu de novo na água ao lado dele. Ela foi para subia e descia na água olhando fixamente para ele.

—Connor?

Seu corpo parecia que era feito de chumbo ou gelo. Quanto tempo demorava para se sentir os efeitos da hipotermia? Olhando para praia, ele sabia que era muito longe para nadar.

—Nós temos que tentar virar o barco. Ajude-me.

Ela respondeu em seu próprio idioma, cuspiendo para fora palavras guturais entre os dentes. Se o rio gelado não o tivesse convencido que ele estava fisicamente aqui, sua falta de comunicação imediata provou isto. Em seus sonhos ele sempre a entendia. Agora ele não tinha idéia do que ela estava falando ou se ela conseguia entender o que ele estava tentando dizer a ela.

A canoa estava flutuando para longe. Ele nadou pela água em direção a ela com um forte nado de peito. Quando ele alcançou a canoa, Connor submergiu na água e surgiu embaixo dela. Ele levantou suas costas contra a canoa, enquanto Aiyana sustentava-a. E de repente o barco rolou para cima e aterrissou com um baque, dessa vez do lado certo.

Connor segurou o barco enquanto Aiyana subiu. Ela balançou precariamente mas permaneceu estável. Mas quando Connor tentou subir nela, ele não conseguiu puxar seu peso sem virar o barco. Ele teria que flutuar ao lado dele durante todo o caminho até a praia. Ele balançava suas pernas atrás dele, empurrando o barco pra frente.

Aiyana se inclinou mais de um lado e remava com seus braços o melhor ela podia. Lentamente, eles fizeram o caminho até a praia.

O corpo do Connor estava muito entorpecido e ele tinha dificuldade de se fixar em suas pernas, mas a praia estava perto e ele não cederia a letargia que dominava seu corpo gelado. Suas pernas se agitaram incessantemente quando a terra ficava mais perto. Quando ele pensou que ele tinha alcançado uma área rasa, ele sentiu a parte inferior de seu pé e tocar contra a terra barrenta. Afundando nela com seu sapato, ele partiu, avançando mais rápido e mais forte.

Finalmente, eles alcançaram a areia e ele puxou a canoa pela água, ainda empurrando o barco na frente dele. Aiyana saiu da canoa e caminhou ao lado dele os últimos poucos metros.

Os dois caíram de joelhos na beirada da água, ofegantes e agitados. Aiyana olhou para Connor, seus olhos marrons eram tão penetrantes quanto ele se lembrava. Ela disse algo em seu idioma rustico com um tom de interrogatório no fim da frase.

Connor rastejou mais alguns metros para longe da margem do rio.

—Não sei como eu cheguei aqui. —ele disse por entre os dentes. —Eu só sabia que você estava em apuros.

Aiyana apontou para a água. Ela disse algo como *Menowee* repetidamente. O olhar desesperado em seu rosto disse a Connor que havia alguém com ela na canoa.

—Eu sinto muito. —Connor a alcançou. Ele puxou o corpo dela contra o dele, surpreso com seu calor em baixo da pele gelada e molhada. Ela era viva e sólida e estava em seus braços. Mas onde eles estavam? Seu coração estava acelerado, ele tinha medo do desconhecido e sentiu um aperto de quase ter morrido. Será que ele realmente tinha cruzado a linha do tempo para o passado, será que era que ele teria que passar o resto de sua vida?

Ele beijou o cabelo molhado dela sentindo-a contra seu lábios ele lembrou qual era realmente o valor disto.

—Nós precisamos nos aquecer. Nós não podemos ficar aqui sentados ou nós congelaremos iremos morrer.

—Hai. —ela concordou, tirando seus braços do pescoço dele. Connor cambaleante se firmou em seus pés e a ajudou a ficar de pé também.

Eles se apoiaram um contra um o outro, lutando com a gravidade que queria puxar a ambos de volta para a terra. As pernas do Connor tremiam muito e ele mal conseguia se manter de pé, mas mesmo assim ele se curvou e beijou os lábios gelados de Aiyana, aquecendo eles com suas respirações.

—Nós fizemos isto. Nós estamos vivos. —ele sussurrou, beijando sua bochecha.

Novamente ela enroscou seus braços ao redor do pescoço dele e deitou sua cabeça contra o tórax de Connor. Ela tinha altura certa para ele apoiar o queixo na cabeça dela. Ele a abraçou, e se afastou dela somente para abraçá-la novamente. Aiyana apontou para o rio de onde eles haviam saído e disse algo. Ele assumiu ela estava indicando o caminho de volta para sua aldeia, e eles seguiram naquela direção até a praia de cascalho.

—Oi. —uma voz chamou de algum lugar acima deles. —Vocês estão bem? —Connor protegendo seus olhos do sol e olhado fixamente para o contorno de uma mulher contra o sol.

—Meu marido, Robert, chamou a emergência. A ajuda está a caminho. Você quase morreu lá!

—Nós estamos... Nós estamos bem. —ele gaguejou, chocado e ao mesmo tempo aliviado pela revelação que eles estavam no século 21. Ele olhou para Aiyana. Seus olhos escuros estavam enormes. Ela murmurou algo. Connor ajustou seu abraço mais apertado ao redor dela.

—Tudo vai ficar bem.

A mulher de cabelos brancos desceu os degraus de sua propriedade até a rio. Ela trouxe alguns cobertores, que ela ofereceu a eles.

—O que no mundo você estava pensando, ao estar na água com esse tempo? —Ela olhou fixamente para a canoa na beirada da água.

—Uma encenação —Connor revelou, tentando explicar o barco antigo e o vestuário antigo de Aiyana. —Mas fomos para muito longe da praia e a canoa virou. —Ele puxou o cobertor morno ao redor seus ombros.

—Oh. —A mulher franziu o cenho, mas não perguntou mais nada. —Bem, eu estou contente que ambos estão bem. —Ela sorriu. —Meu nome é Mary Weidel.

—Connor Baines e Aiyana ... Lee. —Connor improvisou. —Obrigado pelos cobertores, mas você pode cancelar aquele telefonema de emergência. Nós estamos bem. Se você puder me deixar usar o telefone, nós temos um amigo que virá nos buscar.

—Você devia pelo menos deixar os paramédicos examinar vocês. Vocês podem ter hipotermia. —Sra. Weidel protestou. —Suba para a casa antes que vocês congelem.

Ela subiu na frente guiando eles na subida da colina em direção a casa. Connor olhou para o rosto chocado de Aiyana, tentando imaginar como seria assustador para ela estar no meio de estranhos longe de tudo que ela conhecia. E ele se sentiu culpado porque no fundo ele estava aliviado em não ser a pessoa em um lugar estranho, em mundo novo.

Capítulo Oito

Aiyana nunca se sentiu tão desorientada em sua vida. Ela não sabia se era pelo fato de estar quase congelada, tremendo tanto que quase não conseguia andar. Suas pernas fracas teriam vacilado se o braço de Connor não estivesse lá a sustentando. Mas o fato de todo mundo ao redor dela, inclusive seu amante, estar falando um idioma estrangeiro definitivamente fortalecia esse sentimento de deslocamento.

A mulher que deu a eles os cobertores não parava de falar enquanto ela os guiou degraus acima. Um homem esperava no topo da colina. Ele tinha uma perna manca e ele, também, falou sem parar até que ele os levou até a casa.

A casa não se parecia como nada Aiyana já tinha visto. Seus olhos viajaram de um objeto até o outro, incapaz de se fixar em um das centenas de objetos estranhos que ela via. Seus pés afundaram em um tapete espesso, colorido. O quarto era iluminado por lanternas, e luz também entrava através das janelas que estavam cobertas com algum material claro que segurava o vento frio. Pela janela maior, Aiyana olhou o céu, a terra e o rio corrente na parte inferior da colina. Olhando para a água, um tremor passou por seu corpo.

Sentiu um puxão em seu braço e Aiyana virou para encontrar a mulher do cobertor falando com ela novamente. Connor apertou sua mão contra a pequena dela, insinuando que ela devia seguir a mulher. A conversa da senhora de cabelos brancos fluía como um rio quando ela os levou para um quarto na enorme casa. Ela deu a eles pedaços grandes, verde de tecido dobrado, e então foi embora.

Connor disse algo para Aiyana em sua morna e calmante voz. Ele olhou para seu rosto, e ela se viu olhando para aqueles olhos azuis claro. Ele pegou seu queixo e lhe deu um beijo suave nos lábios. Ele era real e ele estava aqui com ela, onde quer que *aqui* fosse. Isso era tudo o que ela pediu quando ela estava na água, certa de que iria se afogar. Ela implorou aos deuses para deixá-la ver e senti-lo mais uma vez, e seu pedido tinha sido concedido.

Quando ele a tocou agora, calor nasceu em seu núcleo e irradiou para fora. Ela parou de tremer pela primeira vez desde que ela saiu do rio. A mulher retornou com roupas secas para eles. Connor a agradeceu. Aiyana entendeu alguma coisa. Ele fechou a porta e foi para o pequeno quarto atrás deles e começaram a tirar suas roupas molhadas. Aiyana fez o mesmo, mas ficou tímida de repente. Isso era ridículo. Nos sonhos dela eles haviam feito tudo o que um homem e mulher podiam fazer junto.

A nudez não a aborrecia. Mas agora que eles estavam no mundo físico, ela corou quando puxou seu vestido pela cabeça e soltou o artigo de vestuário encharcado no chão com um estatelar. Connor passeou o olhar por seu corpo, demorando-se tanto em seus seios que imediatamente seus mamilos endureceram. E no monte de cabelos pretos na junção de suas pernas. Ele lambeu seu lábios antes de virar para longe e secar seu cabelo com o grande pano.

Aiyana entendeu que agora não era a hora ou o lugar para eles explorarem um o corpo do outro, mas ela bem que olhou para o corpo dele enquanto ele vestia as roupas do homem velho, seus ombros eram largos e musculosos, seu abdômen plano e seu pênis estava ereto. Seu coração acelerou de alegria com o conhecimento de depois de semanas de silêncio, eles estavam aqui e ele era dela.

Tão logo eles estivessem sozinhos em sua casa eles poderiam fazer o que queriam, ou seja explorar o corpo um do outro com desejavam e pelo tempo que desejarem. Um sorriso nasceu em seu rosto quando ela esfregou seu corpo com o pedaço suave de pano.

Connor olhou pra cima e prendeu seus olhos com os dela. O mesmo, sorriso ofuscante, encantador aumentou nos cantos de sua boca e surgiu um brilho em olhos como se a luz solar se refletisse na água. Ele andou em direção a ela, mas Aiyana levantou um dedo em advertência e agitou sua cabeça.

— Não agora. Se nós começarmos a nos beijar, eu não poderei parar.

Ele poderia não ter entendido suas palavras, mas Connor entendeu sua mensagem. Ele movimentou a cabeça e se abaixou para colocar os sapatos que a mulher deu a ele.

—Logo. —ele disse.

Aiyana pensou que a palavra deveria significar *para casa*. Ela secou seu cabelo e vestiu as polainas e camisa suave a mulher forneceu, encantada com a boa textura do tecido. O modo como ele roçou contra sua gelada e sensível pele fez seus mamilos se excitarem novamente e a dor em seu sexo aumentar. Ela tremeu, mas não de frio.

Quando eles estavam vestidos, eles retornaram a sala principal onde a senhora os esperava com uma bebida quente para eles beber. Ela disse que eles se sentassem em um monte de almofadas, cadeiras confortáveis na sala morna. Depois de olhar para o tecido que cobria sua cadeira durante algum tempo, Aiyana percebeu que as pequenas gotas coloridas eram flores. Estava tecido habilmente feito e devia ter feito alguém demorar muitos dias para criar.

Connor aceitou um objeto quadrado pequeno do homem e falou nisto. Então ele falou com o homem e a mulher. Aiyana assistiu os três discutindo algo. Eles pareciam discutir um ponto, e ela desejou poder entender o que eles estava falando.

Depois de um longo tempo, um som estranho soou e o homem velho se levantou e caminhou para a porta para abri-la. O homem com os estranhos círculos cobrindo os olhos que Aiyana havia visto com Connor durante sua primeira experiência fora do corpo entrou na sala.

Ele olhou fixamente para Aiyana com sua boca aberta. Connor levantou e disse algo para o homem e o para o casal de velhos que ajudaram eles. Ele agitou cada uma de suas mãos. Aiyana escutou cuidadosamente e imitou as palavras que Connor falou.

—Obrigado. —ela disse, pegando a mão do homem, então a da mulher. A mulher bateu levemente sua mão e sorriu. Quando eles estavam do lado de fora e ela podia parar de fingir entender o que estava sendo dito, Aiyana soltou um suspiro de alívio. Mas seu alívio durou pouco.

O amigo do Connor levou eles a um transporte brilhante de algum tipo. Connor abriu a porta para Aiyana entrar para o lado de dentro. Ela entendeu que este veículo iria levar eles em algum lugar, mas não entendeu como ele iria fazer isto. Depois de entrar do lado dela, Connor prendeu uma tira de tecido ao redor sua cintura, pegou a sua mão na dele e começou a lhe falar ternamente. Aiyana podia dizer que ele estava tentando acalmá-la, mas ela não estava nem nervosa. Não até o homem entrou no aparelho e de repente e esse fez uns altos e estranhos barulhos.

Aiyana pulou. Seu corpo inteiro ficou tenso quando o veículo começou a se mover. Ela agarrou as mãos de Connor. Ele sorriu e beijou sua bochecha. Evidentemente, esta coisa deveria fazer um barulho alto.

Nenhum dos dois homens pareciam preocupados. Aiyana tentou tapar suas orelhas para o som ensurdecedor e a forçar seu coração a diminuir a velocidade. A terra passava rapidamente e seu estômago se agitou quando ela olhou para a janela.

Ela fechou seus olhos, sentindo o movimento de velocidade até sem assistir o mundo passar por seus olhos. Ela os abriu novamente e olhou para fora da janela. Seu estômago se acalmou um pouco quando ela parou de olhar para a terra que estava perto e começou a olhar fixamente para o que estava longe ao invés de para o que estava perto. Lá tudo era muito grande, casas, muitas praça, tábuas coloridas presa em polos longos, muitos outros veículos ambulantes como o seu. Afinal, Aiyana finalmente foi capaz de apreciar o passeio.

O veículo que tinha rodas acelerou ao longo de um caminho preto muito mais rápido do que um cervo podia correr. Estava divertindo. Connor apertou a mão de Aiyana para chamar sua atenção. Ele bateu levemente no banco, e indicou o veículo ao redor deles.

—Carro.

Ela repetiu a palavra.

—Carr.

O homem com as coisas redondas cobrindo seus olhos virou para trás olhou por cima de seu ombro e disse algo. Aiyana podia ver o rosto refletido do homem em uma coisa pequena no centro da janela. A superfície era brilhante como um lago calmo, era a coisa mais límpida que ela já tinha visto. Ela olhou seu reflexo com clara fascinação.

Connor apontou para o homem.

—Harold Raimer. —Aiyana encontrou o olhar de Harold Raimer na superfície refletiva quando ela repetiu seu nome. Ele sorriu pra ela.

Existia tanto coisa para ver no mundo fora do carro que o passeio pareceu durar muito pouco. Eles pararam em frente a um edifício. Connor saiu, oferecendo a ela sua mão e a ajudou a sair do carro. Ela olhou para a fila de edifícios altos enfileirados na rua. O barulho era muito alto. Ela teve que cobrir suas orelhas com suas mãos para parar alguns sons. E os cheiros eram horríveis. Ela mal podia respirar o ar a sufocava.

Enquanto os dois homens conversavam, ela olhou para os veículos que passavam ele tinham muitas formas e cores diferentes, e existia pessoas de peles pálidas e escuras que caminham nos caminhos ao lado da rua em suas fantasias estranhas. Aiyana estava observando uma mãe que estava inclinada e dava algo para sua pequena menina, quando Connor suavemente tocou em seu braço novamente. Ele a guiou em direção a outro carro, que devia pertencer a ele.

Dessa vez ela sentou na frente enquanto Connor operava o veículo surpreendentemente. A visão do mundo, passava diretamente em direção a ela pela grande janela e fazia desse passeio mais divertido do que o último.

Sua cabeça estava doendo quando eles alcançaram casa de Connor. Ela estava cansada e pronta para chorar. Por tudo ter acontecido tão depressa: Por seu primo ter se afogando e por seu quase próprio afogamento, a aparição súbita de Connor e a transição para um lugar completamente desconhecido. Ela precisou fechar seus olhos e bloquear a visão de tudo, ela precisava diminuir aquele barulho ensurdecedor.

Mais uma vez Connor ajudou Aiyana a sair do carro. Com seu braço ao redor dela, ele a conduziu pelos degraus de sua casa. Ela mal olhou ao seu redor. Seus olhos estavam fechados e ela se deixou ser levada como uma criança para um quarto pequeno com a água na parede.

Connor tirou suas roupas e as dela antes de a guiar para debaixo da água que saía de um pequeno aparelho. O spray de água era maravilhoso, forte e quente contra sua pele, aquecendo seu corpo gelado.

Connor ficou atrás dela e ensaboou seu cabelo com algum tipo de loção. Suas mãos mergulhadas por seu cabelo e massageando seu couro cabeludo, lavando para longe do cheiro de rio e substituindo isto por um odor pungente de lavanda e sálvia. Com os olhos ela se deleitou com seu toque.

Ele enxaguou a espuma de seu cabelo, então começou a lavar seu corpo com uma coisa fofa, suave e áspera e uma diferente coisa líquida que também cheirava a lavanda. Sua pele e seu cabelo nunca lhe pareceram tão limpos. A areia e os outros resíduos deixaram de importar quando ela se enxaguou.

Aiyana curvou suas costas quando Connor esfregou a esponja sobre sua pele. Seu corpo despertou embaixo da carícia do calor da água e de suas mãos tocando por toda parte. Um calor de resposta se construiu dentro dela.

Connor girou ela de frente para ele e a puxou para perto de seu corpo morno e molhado. Como o vapor de água acima deles, ele alisou seu ombro e murmurou algo que terminou com:

—Aiyana.

Ela sorriu ouvir ele dizer seu nome e ela reconheceu que deveria ser palavras de amor quando ela ouviu e não importava quão estrangeiro o idioma fosse ela disse também.

—Eu amo você também. Eu estou tão contente por estar aqui. —ela respondeu, levantando seu rosto e olhando em seus olhos através da névoa vaporosa.

Sua boca foi coberta pela de Connor e a língua dele deslizou entre seus lábios separado para se enrolar sinuosamente ao redor sua língua. Ela emaranhou seus dedos pelos cabelos molhados dele, segurando-o no pescoço enquanto ela o beijava ferozmente. Pelo menos isto era familiar. Nenhuma palavra era mais precisa entre eles do que a comunicação de seus corpos.

Seu peito estava apertado contra o tórax dele. Seus mamilos doídos com a fricção deliciosa de seus corpos se esfregando um contra um outro.

Colocando a mão entre eles, ela segurou sua ereção crescente, sólida e quente. Ela massageou o pênis dele e se sentiu satisfeita pelo suspiro de Connor.

Aiyana lambeu as gotas de água que escorriam pela clavícula antes de descer mais e lambeu sobre um dos mamilos de Connor, ela chupou o disco plano e o broto ficou duro. A água caía em seu rosto enquanto ela o beijava através de seu tórax e chupava o outro mamilo, e ela continuou se esfregando em seu pênis. Era um prazer sentir a tensão crescente em seu corpo enquanto ele respondia a ela.

Connor passava as mãos para cima e para baixo nas costas dela. Seus quadris balançavam enquanto ele se empurrava em sua mão então ele puxou longe, e olhou em seus olhos e disse algo.

Ele sorriu e acariciou sua bochecha. Aiyana retornou o seu sorriso e movimentou a cabeça como se ela compreendesse. Connor desligou a água e saiu da câmara. Ele ofereceu ela um pano grande, espesso e ela esfregou o material acima de seu corpo e cabelos molhado.

Eles permaneceram olhando um para o outro, seus corpos que ardiavam com calor da água quente e de desejo. Connor a alcançou e ergueu Aiyana em seus braços, com um braço ao redor das costas dela e, o outro sustentando suas pernas.

Ele a levou do vaporoso e pequeno quarto para uma câmara grande, que era o quarto onde ele deitou-a suavemente na cama alta. Aiyana nunca esteve em uma superfície tão confortável. Ela rolou para frente e para trás um pouco. Connor sorriu e puxou as coberturas assim ela podia subir e ficar do lado de dentro. A textura do tecido liso, branco em baixo do cobertor foi surpreendente. Ela poderia se derreter na cama suave e nunca mais se mover novamente. Ela estirou seus braços cima da cabeça, curvadas suas costas e sorriu para ele.

—É bom.

Connor subiu sobre a cama ao lado dela. Ele abraçou ela e sussurrou coisas que ela não entendeu. Não importava. Ela aprenderia seu idioma mais rápido possível, mas no momento, simplesmente o som de sua voz morna, funda era tudo que ela precisava.

Então ele parou de falar e começou a beijar seu rosto por toda parte e isso era muito melhor. Seu esgotamento foi substituído por estimulação. Seu corpo inchou e se abriu debaixo das mãos e da boca dele. Suas mãos pálidas a acariciavam rapidamente como se fosse um pássaro branco acima de sua bronzeada pele, tocando nela em todos lugares. Aiyana pensou que o contraste entre seus tons de pele era infinitamente belo.

Connor deu beijos suaves, molhadas ao longo do mesmo caminho onde suas mãos tomaram, no seus ombros, seios, estômago, quadris e coxas. Ele gastou bastante tempo em seus seios, passando sua língua acima de seus mamilos e chupando eles bem forte. Todo puxão de sua boca enviava uma necessidade diretamente até seu sexo. Ela se manteve excitada, aberta e pronta para ele.

Movendo-se para baixo em seu corpo, ele espalhou beijos acima de seu estômago à medida que ele ia descendo, Connor ficou entre suas pernas. Ele gastou vários momentos simplesmente olhando para sua boceta, fazendo-a se doer através de seu estudo intenso. Ele se curvou e fez magia com sua boca e mãos. Ele acariciou seu montículo púbico e brincou com seus lábios pubianos antes de deslizar seus dedos em sua abertura. Eles deslizaram facilmente na umidade escorregadia. Ele moveu eles dentro e fora, enquanto ele lambeu seu clitóris, enviando um prazer quente que irradiou por ela.

Aiyana suspirou de contentamento. Ela se levantou e caiu em baixo de seu toque, pulsando, lentamente aumentando ondas. A ligação que ela sentiu com a morte nesse dia aumentou tudo que ela sentiu.

O desejo desenfreado dentro dela, se apressou, crescendo cada vez mais e culminou em um clímax rápido e forte a consumiu como o fogo em uma floresta. Com um grito, Aiyana se curvou para fora da cama. Ela se sentiu tão leve quanto as sementes que flutuavam em uma brisa à medida que ela se movia suavemente de volta para a Terra.

Connor se moveu para ficar ao lado dela e a segurar enquanto ela fechava os olhos e tremia. Lágrimas deslizaram pelos cantos de seus olhos, deslizando por seu rosto e cabelo. A intensidade de tudo o que aconteceu naquele dia a alcançou e ela não podia manter a emoção distante.

Ele beijou, beijou e sorveu suas lágrimas enquanto ele tirava seu cabelo de seu rosto e murmurava palavras que soaram doce e calmante. Seu idioma era muito mais suave que o dela, arredondada com um rio calmo ao invés de passar por pedregulhos afiados. Envolvida em seus braços, ela sentiu uma sensação de estar voltando para casa apesar de estar em um mundo desconhecido.

Ela também sentiu a ereção de Connor que se apertava do lado de sua coxa, ávida para entrar em ação. Descendo sua mão ela passou suas unhas em cima seu comprimento. Ele gemeu e empurrou seu pênis rígido contra ela. Ela girou para ficar de lado para ele e o guiou para ela. Connor gemeu suavemente quando ele entrou nela, ele fechou seus olhos e ficou com a boca aberta de prazer.

Ela sorriu, feliz por poder dar tanto prazer a ele. Sua boceta estirou ao redor dele e seu ofego foi também de satisfação quando o pênis duro dele deslizou em seu canal molhado.

Ela apertou seus músculos internos ao redor dele e foi recompensada com outro gemido. Ele enterrou profundamente, e então parou, abriu seus olhos e examinou os dela. Eles estavam juntos afinal. Eram um só. A junção era diferente aqui no mundo físico, mais primitivo e limitado sem o fluxo de comunicação de mente para mente, mas era bom de maneiras diferentes. Sólidos. Reais. Vulneráveis. Humano. Olhos de Connor falavam o que seus pensamentos não podiam mais.

—*Eu vejo você. Você é especial e você é feita só para mim. Eu quero você com todo meu coração.* — Ele se moveu dentro dela, retirando-se e afundando devagar logo em seguida. Ela embrulhou seus braços ao redor de suas costas, dedos segurando seus ombros. Ela colocou suas pernas ao redor seu quadril, puxando ele para mais perto. A cabeça de seu pênis batia em um lugar dentro dela e, como uma faísca minúscula, uma chama estourou. As sobras de seu último orgasmo juntou a esse, e esses pequenos pedaços de fogo alimentaram um novo e maior fogo.

Connor empurrou mais rápido, mais duro, grunhindo com cada estocada. Suas costas estavam escorregadias embaixo de suas mãos. Ela as deslizava para baixo em suas costas e agarrou suas nádegas, puxando ele para mais perto e o induzia a ir mais fundo em seu corpo.

Sua mandíbula estava apertada e seu cabelo se grudava contra sua fronte com o ritmo de suas estocadas. Ele fazia uma careta de concentração, com os olhos fechados. Ela queria que ele gozasse com ela à medida que ele chegava ao clímax, e ela sussurrou:

—Olhe para mim. —Com os olhos abertos e olhando fixamente para os dela, seus brilhantes olhos azuis celeste dele mudaram para um negro meia-noite. Ele permaneceu enfocado nela enquanto ele ia mais rápido e mais duro. Ele ofegou, e ela soube ele ia gozar.

Aiyana balançou sua pélvis, agarrando o pequeno pedaço mais que a levaria a gozar também. Seu pênis batia dentro dela com tal intensidade que desejo estourou por ela com a força da água que rompe de uma nuvem. Seu corpo segurou o dele, dentro e fora como se ela nunca o deixaria ir. Seus olhos se fecharam quando o êxtase a atravessou. Connor a penetrou e congelou, com seu pênis pulsando.

—Aiyana. —ele ofegou, e seu nome soou como uma carícia. O temor em seu tom fez ela se sentir segura e amada.

Ela acariciava suas costas enquanto ele estremecia contra ela, e sua satisfação era tão sublime que quase a assustou. Por que os deuses julgaram conveniente aabençoar tanto?

O que eles poderiam exigir em pagamento? O medo de ter tanta sorte a encheu.

Para vários minutos eles ficaram entrelaçado naquela grande cama entre cobertas amarrotadas, então Connor retirou-se. Ele olhou em seus olhos mais uma vez, pegou seu rosto e colocou seus dedos polegares acima da maçã de seu rosto. Ele lhe deu um sorriso suave e disse algo.

Aiyana sorriu, jurando que a primeira coisa que ela faria nesta nova vida era aprender o idioma. Era frustrante não entender nada, e só por amor ela conseguiu ir tão longe.

Ela virou e ele se curvou e ficou atrás dela, seu braço pesado através de seu corpo. Essa era a primeira vez dali por diante muitas, o frio foi embora e ela se sentia segura. A respiração dele que soprava contra seu ombro, a batida do coração contra suas costas a acalmava. Ela adormeceu quase imediatamente.

* * * *

Quando Aiyana despertou, o quarto estava quase escuro. Embora fosse uma noite sem luar, uma luz brilhante entrava pela janela. Ela estava terrivelmente sedenta e precisava ir ao banheiro. Connor respirava lentamente atrás dela. Ela rolou para longe e olhou para seu rosto no escuro. O cabelo estava bagunçado em sua frente, Aiyana beijou ele antes de deslizar de seu braço e sair da cama alta. Ela caminhou através da coberta macia que cobria o chão do quarto. Connor tinha mostrado como usar o banheiro e ela o fez então, olhando fixamente em fascinação como a água escorria pelo buraco abaixo para longe.

Aiyana fechou a torneira da pia do jeito que ele a ensinou e água espirrou na bacia. Ela mergulhou suas mãos debaixo disto, vendo fluxo infinito. Depois de um minuto, ela colocou a mão forma de concha pegou a água e bebeu, então desligou a torneira. Ela andou pelos muitos cômodos escuros examinando todos os objetos estranhos que ela não podia imaginar a utilidade. Ela estava ávida para Connor mostrar a ela aquelas outras maravilhas que o homem tinha criado nos muitos anos desde seu tempo.

Sua garganta apertou como o peso que aqueles anos teriam sobre nela. Ela nunca mais veria sua mãe novamente ou Hausis, nenhum de seus primos, tias ou tios, ou sua melhor amiga, Majesi. Qual seria o nome escolhido para aquela criança? O que ele se pareceria quando ele crescesse e virasse um homem?

Quantas gerações tinham passado desde o tempo em que ele caminhou por esta Terra? Aiyana empurrou aqueles pensamentos de sua mente. Ficaria louca se ela pensasse muito sobre essas coisas. Ela estava aqui agora, e o mundo ela que ela conhecia estava longe era passado.

Aiyana se concentrou no quarto que ela estava, seus olhos passeavam no escuro, haviam tantos pedaços de mobília nas sombras para tropeçar com muitos ângulos e pontos afiados para machucar a canela de uma pessoa. Ela não podia imaginar por que uma pessoa podia precisar de tantos objetos ou então de tanto espaço para só ele mesmo.

Existia ainda outro quarto fora da área de estar. Nele tinha uma coisa provida de pernas onde repousava um retângulo coberto de pano. Aiyana puxou o pano longe e sua respiração falhou quando ela viu o que estava lá debaixo. Era o retrato de uma mulher. Ela parecia com o reflexo que Aiyana viu quando ela olhou na água calma. Esta pessoa deveria ser ela.

Ela percebeu que Connor pintou isto com os tubos de cores que estavam em uma mesa próxima. Ela tocou a superfície áspera, localizando as linhas do corpo nu, os ângulos e as linhas de seu rosto. Ela nunca tinha vista uma coisa tão maravilhosa. As

fotos de povo foram feitas como representações simples de vida, nada como este retrato que ganhava vida com a luz e as sombras.

A voz do Connor veio de trás dela, fazendo ela dar um salto. Ela se virou em direção a ele. Ele caminhou até ela, colocou o braço ao redor de sua cintura e plantou um beijo no ombro dela. Ele falou com ela enquanto ele colocou um dedo ao longo da linha de seu seio na pintura, então ele acariciou seu seio real.

—Isto é maravilhoso. —Aiyana disse a ele. —Você devia fazer mais retratos.

Connor a pegou pelos ombros e a girou de frente para ele. Ele apontou para ele mesmo.

—Eu. —Ele bateu levemente seu peito no ritmo da batida de um coração. —Amo. —Ele apontou para ela. —Você.

Aiyana sorriu e repetiu as mesmas palavras.

—Eu. Amo. Você. —Seu idioma era fácil. Não iria ser difícil se comunicar afinal.

Capítulo Nove

Onze meses depois....

—Connor, venha. Comer agora. —O tom da Aiyana era impaciente quando ela o chamou pela terceira vez.

—Estou indo. —ele respondeu, mas não largou seu pincel. Inclinado em direção à tela, ele pincelou de preto ao lado de uma parte verde antes de se distanciar e olhar fixamente para a tela. Ele ficava ligeiramente aborrecido com a interrupção de Aiyana. Ela sabia que quando ele estava pintando, ele não gostava de ser aborrecido com as refeições.

Ele enxaguou o pincel e trocou por um mais largo. Imergindo o pincel seco, Connor pontilhou pinceladas brancas nas tintas esverdeadas do galho de uma árvore. Ele perdeu a noção do tempo à medida que ele pintava.

—Connor! —A voz irritada de Aiyana na entrada o tirou de seu transe.

—O que? — Ele girou para olhar para ela .

—Comer agora. —Com seus braços dobrados acima de sua barriga inchada e ela olhou pra ele com seus olhos pretos irritados. Seu cabelo estava puxado para o lado e trançado. A trança pendia passando pelo ombro peito e terminando acima da barriga com enfeite colorido na ponta do cabelo.

—Certo. —Ele suspirou e mergulhou o pincel na água. Ele secou suas mãos na calça jeans manchada de tinta e caminhou em direção a ela. —Venha. Rápido. Agora. —Ele a imitou o jeito dela de falar. Erguendo ela do chão, ele a girou no ar. Ela colocou mãos em seus ombros e sua carranca mudou para um sorriso relutante.

—Já está bom. —Ele a colocou de novo no chão e curvou-se para beijar o pescoço dela. Com um braço ao redor da cintura dela, ele caminhou com ela para cozinha. Connor inalou o odor das ervas que estavam penduradas para secar nas vigas da dispensa. As filas de garrafas e jarros contendo produtos homeopático, unguentos e infusões enfileiravam nas prateleiras em um lado da dispensa. Aiyana tinha um próspero negócios baseados em casa de onde ela abastecia com suas curas a Loja de Saúde Natural da cidade. Agora a pequena loja estava abrindo lojas em dois outros locais, e com isso suas vendas aumentariam.

Connor se sentou em sua cadeira.

—O almoço está com um cheiro bom.

Aiyana mexeu o guisado espesso, colocou porções em cada uma das tigelas e se sentou a mesa em frente a ele.

—Você trabalhou muito... hoje. —Ela pausou entre palavras. Era ainda uma luta para ela explicitar o que ela queria dizer e suas frases ainda eram formais, mas ela conseguia dizer e entender a essência dos significados.

—Sim, este aqui realmente tem dado trabalho. Eu acho que eu acabarei logo. —e *Graças a Deus, eu tenho um comprador*. Ele não tinha posto os pés na quadra ou na firma de advocacia desde o dia em que ele saiu do caso de MacDonald. Ele tinha sido demitido e podia se importar menos, embora ele estivesse assustando por ter que passar a viver de uma renda estável até vendas irregulares de suas pinturas.

Ele e Aiyana mudaram do apartamento da cidade barulhenta para uma fazenda antiga ao norte do estado. Ela não conseguia se acostumar com o barulho da cidade e Connor não queria mais a mesma coisa. Sua criatividade estava desabrochando aqui. Além disso, seria lugar melhor para uma criança crescer.

—Bom. Assim você pintará quarto para o bebê. —Ele movimentou a cabeça.

—Um prado com flores e um céu ensolarado como nós já combinamos.

—E um cervo.

—Cervo também. —Connor sorriu e tomou uma colherada do guisado quente e delicioso.

—Talvez... —ela pensativamente disse. —Um pouco de água. Com peixe.

—Eu posso fazer isto. Um oceano ou qualquer outra coisa que você quiser. Só deixe-me saber, e não mude de idéia depois de eu iniciar.

—Não. Eu não mudo de idéia. —Ela sorriu de volta nele. —Você pinta peixe e o rio. Nós também. —Connor estremeceu, lembrando da água glacial se fechando acima de sua cabeça.

—Nenhum rio. Eu pensei em um mar tropical com aquele do *Procurando Nemo*. —Era um dos filmes favorito de Aiyana e ela movimentou a cabeça com satisfação.

—Ótimo. Com muitos peixes coloridos. O bebê irá adorar.

—Sim. —Ele sorriu olhando para a protuberância de seu estômago que se sobressaía embaixo de seus seios inchados como uma prateleira. Ela não podia puxar sua cadeira para muito perto da mesa.

Ele olhou ao redor de sua adorável casa. Esta vida, este casamento, estava a um mundo de distancia do que ele havia vivido com Helen, completamente diferente mas igualmente feliz. Helen tinha estava certa, Aiyana servia para ele.

Os últimos meses tinham sido um período de transição para Aiyana onde ela se passou de um primitivo estilo de vida tribal para uma rápida mudança para o mundo moderno. Mas com paciência e obstinação, ela aprendeu a língua, os costumes e a história embora ela ainda lutasse contra alguns pensamentos modernos. O que parecia lógico para ela era nem sempre concordar com o que a sociedade permitia, e o que o mundo moderno aceitava, ela às vezes achava algumas coisas chocantes.

A vida do Connor mudou, também, como ele desistiu da advocacia e trocou seu enfoque para a pintura. As duas carreiras não podiam ser mais opostas. Ele se sentiu como se ele tivesse usado sapatos de tamanho errado por tantos anos que ele não percebeu que eles apertavam seus pés até ele trocou para uns que se ajustavam perfeitamente. Ele amava sua arte e ele amava sua nova esposa. O fato que eles às vezes brigavam só fez com que ele tivesse certeza que tinham que ficar juntos passa realmente, na vida real. Seus sonhos estavam terminados. A realidade começava.

FIM



Visitem nossos blogs:

RomantiCon

<http://romanticonlivroshot.blogspot.com/>

Calientes

<http://ebookshotmell.blogspot.com/>

Western

<http://livrosemtraducao.blogspot.com/>